UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

JAQUELINE SILVEIRA CORIOLANO

AS ORAÇÕES CIRCUNSTANCIAIS DE GERÚNDIO

Rio de Janeiro
2009

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

AS ORAÇÕES CIRCUNSTANCIAIS DE GERÚNDIO

Jaqueline Silveira Coriolano

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do Título de Mestre em Linguística

Orientadora: Profa. Doutora Maria Luiza Braga.

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2009

AS ORAÇÕES CIRCUNSTANCIAIS DE GERÚNDIO

Jaqueline Silveira Coriolano

Orientadora: Professora Doutora Maria Luiza Braga

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Examinada por:

_____

Presidente, Profa. Doutora Maria Luiza Braga

_____

Profa. Doutora Márcia dos Santos Machado Vieira – Letras Vernáculas/ UFRJ

_____

Profa. Doutora Maria Cecilia de Magalhães Mollica – Linguística/ UFRJ

_____

Profa. Doutora Cláudia Nívea Roncarati de Souza – UFF, Suplente

_____

Profa. Doutora Helena Gryner – Linguística/ UFRJ, Suplente

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2009

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Maria Luiza Braga, que sempre acreditou em meu potencial e sempre me apoiou. Sua sabedoria e paciência foram fundamentais para a realização desta dissertação.

À professora Helena Gryner, que me orientou no período em que fui monitora de Linguística IV na UFRJ, e sempre ofereceu ajuda quando precisasse.

Às professoras Maria Cecilia Mollica, Márcia dos Santos Machado Vieira, Helena Gryner e Cláudia Roncarati por terem aceitado o convite para compor a banca examinadora.

Aos professores de pós-graduação em Linguística da UFRJ, em especial Maria Maura Cezario e Mário Martelotta, que contribuíram de forma direta para esta dissertação.

Aos meus colegas e amigos da pós-graduação em Linguística da UFRJ, em especial, Adriana Zanneli Nunes, Beatriz dos Santos Soares, Diego Leite de Oliveira e Elisiene Barbosa.

A todos os amigos que estiveram do meu lado durante todo o mestrado, me incentivando com palavras de apoio e encorajamento, em especial Elaine Nascimento e Amanda Lima.

A todos que trabalham comigo. Vocês são mais do que colegas, são grandes amigos. Agradeço a Deus pela amizade e apoio de todos vocês.

À minha irmã, Talita Silveira Coriolano, e aos meus sobrinhos, Ana Beatriz Coriolano Pina e Diego Coriolano Pina, que me proporcionaram momentos de alegria quando tudo parecia difícil.

Aos meus pais, Enizia Silveira Coriolano e Manoel Martins Coriolano, por todo o apoio, carinho e amor incondicionais essenciais durante o mestrado.

Muito obrigada!

RESUMO

CORIOLANO, Jaqueline Silveira. *As orações circunstanciais de gerúndio*. Rio de Janeiro, 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

Nesta dissertação investigamos as orações circunstanciais de gerúndio no português do Brasil. Tendo por base teórica os pressupostos da linguística funcional, analisamos as referidas orações em textos falados e escritos. Discutimos inicialmente o estatuto sintático das orações investigadas e as relações semânticas por elas expressas, baseando-nos em Haspelmath (1995) e König (1995), respectivamente. Valendo-nos dos critérios sugeridos por Haspelmath, defendemos que as cláusulas de gerúndio constituem processos de subordinação. O exame também mostra que elas tendem prototipicamente a expressar a relação de modo; outras relações possíveis de serem inferidas são: condição, tempo, causa, concessão, consecução e finalidade. Verificamos ainda que as orações de gerúndio são produtivas tanto na modalidade falada quanto na escrita e ocorrem pospostas à oração principal. Ademais, elas se vinculam a orações transitivas com argumento interno realizado. O sujeito das orações de gerúndio está normalmente implícito e é correferencial com o sujeito da oração matriz. O tipo de verbo material é o mais recorrente, tanto em orações gerundiais quanto em orações principais. Constatamos ainda que as orações analisadas foram mais frequentes no tipo textual descrição.

Palavras-chave: funcionalismo, oração, gerúndio, circunstancial.

ABSTRACT

CORIOLANO, Jaqueline Silveira. *As orações circunstanciais de gerúndio*. Rio de Janeiro, 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

This study aims at investigating circumstantial gerund clauses in Brazilian Portuguese. We base our theoretical reference on functional linguists, and we analyze the referred clauses in both spoken and written texts. We discuss the syntactic status of gerund clauses and the semantic relations they express having the principles presented by Haspelmath (1995) and König (1995) as a reference. By verifying the applicability of the criteria presented by Haspelmath, we attest that gerund clauses are subordinated to their matrix clauses. Our study also shows that they express prototypically the semantic relation of manner; other possible relations are: condition, time, cause, concession, consequence and purpose. Gerund clauses are productive in both spoken and written texts, and follow their matrix clause. Moreover, they are linked to transitive clauses that realize their internal argument. Subjects are left implicit and are coreferential to the one of the matrix clause. The material verb type is the most frequent one in both clauses. Finally, gerund clauses are more recurrent in descriptive texts.

Key-words: functionalism, clause, gerund, circumstantial.

ÍNDICE DE GRÁFICOS, QUADROS E TABELAS

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Relações semânticas

Gráfico 2: Percentagem de orações de gerúndio em relação à modalidade

Gráfico 3: Percentagem de orações de gerúndio em relação às amostras utilizadas

Gráfico 4: Posição da oração de gerúndio em relação à oração matriz

Gráfico 5: Semântica do verbo

Gráfico 6: Animacidade do sujeito na oração matriz

Gráfico 7: Animacidade do sujeito na oração de gerúndio

Gráfico 8: Percentagem de orações de gerúndio em relação ao tipo textual

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Relações semânticas que podem ser inferidas no contexto das orações de gerúndio

Quadro 2: Relação entre formas verbais e diferentes classes de palavras

Quadro 3: Componentes considerados em relação à transitividade

Quadro 4: Transitividade da oração matriz

Quadro 5: Exemplos de verbos para cada tipo semântico

Quadro 6: Algumas características dos tipos textuais utilizados na análise

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Cruzamento entre os resultados para posição da oração de gerúndio e modalidade

Tabela 2: Transitividade da oração matriz em relação à posição da oração de gerúndio

Tabela 3: Transitividade da oração matriz em relação à modalidade

Tabela 4: Cruzamento entre os resultados para transitividade da oração matriz e amostras utilizadas

Tabela 5: Cruzamento entre os resultados para correferencialidade e explicitude do sujeito

Tabela 6: Cruzamento entre os resultados para correferencialidade dos sujeitos e posição da oração de gerúndio

Tabela 7: Cruzamento entre os resultados para explicitude do sujeito e posição da oração de gerúndio

Tabela 8: Cruzamento entre os resultados para tipo textual e modalidade

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACC	caso acusativo
CONV	*converb*
DAT	dativo
EF	Elocução Formal
NGB	Nomenclatura Gramatical Brasileira
PAST	tempo passado
TOP	tópico

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 12

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

1.1. Referencial teórico 15
1.2. Metodologia e *corpus* 18

2. AS ORAÇÕES DE GERÚNDIO

2.1. O tratamento da gramática tradicional 21
2.2. Orações de gerúndio e abordagem linguística 25
2.3. *Converb* como uma categoria válida trans-linguisticamente 30
2.4. O significado das construções *converbiais* 35

3. ANÁLISE DOS DADOS

3.1. Orações de gerúndio: estratégia de subordinação ou coordenação? 45
3.1.1. Ordem das palavras interna a oração 46
3.1.2. Posição variável 48
3.1.3. "Anáfora" pronominal 50
3.1.4. Restrição e foco 52
3.1.5. Possibilidade de extração 54
3.1.6. Algumas considerações 55

3.2. Orações de gerúndio e relações semânticas 56
3.2.1. As relações semânticas 57
3.2.2. Algumas considerações 69

3.3. Orações de gerúndio: uma abordagem quantitativa 70
3.3.1. Modalidade 70
3.3.2. Posição da oração de gerúndio em relação à oração matriz 73
3.3.3. Transitividade da oração matriz 79
3.3.4. Semântica do verbo 86
3.3.5. Correferencialidade e explicitude do sujeito 92
3.3.6.Tipo textual na qual a oração de gerúndio se encontra 96

4. CONCLUSÃO. 104

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. 110

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo apresentar um estudo das orações circunstanciais de gerúndio no português do Brasil, em particular na variedade do Rio de Janeiro. De acordo com a classificação das gramáticas tradicionais, as referidas orações constituem a contraparte reduzida das subordinadas adverbiais desenvolvidas, já que apresentam o verbo na forma nominal de gerúndio; além disso, dispensam um conector (CUNHA & CINTRA, 2001; ROCHA LIMA, 1972). O exemplo abaixo ilustra o afirmado.

(1) a. Resolve-se o problema, recorrendo à fórmula adequada.
b. O ladrão conseguiu escapar ferindo o seu perseguidor.

[SAID ALI 1964:132]

Com referência ao sujeito, as abordagens normativas mostram exemplos de reduzidas de gerúndio nos quais seu sujeito tende a estar implícito. Entretanto, o exame de nossos dados revela a possibilidade de tais orações não apenas serem introduzidas por um conector, conforme o exemplo (2), como também expressarem o sujeito explicitamente, como em (3).

(2) [...] o Ministro inglês de Portugal... dá um ultimato a ele... ele vinha pro Brasil nem que fosse à força... a medida que ele vai tomar *em* chegando ao Brasil... o que é? Abertura dos Portos? por quê? Abertura dos Portos ao comércio inglês... com a... então [...]

[Elocução Formal – Inquérito 382– NURC-RJ]

(3) [...] Se eu tiro ele mais cedo, meia hora, leva vantagem. "Ou você, Arnaldo, um dia que você quiser também, você precisar- invés de sair seis hora, você precisa sair mais cedo, você precisa fazer qualquer coisa, ("vamos dizer"), você ainda vai daqui [para]- para Nova Iguaçu. Você mora em Nova Iguaçu, vai sair daqui às seis hora, mas você acha que *você* saindo daqui às cinco, você chega em Nova Iguaçu mais cedo, você me fala, eu desconto aí, está bem? (est) Eu lhe dou a lei da vantagem, não é? Aquela meia hora que você ficou eu dou, coisa e tal." Quando se tratava assim de meia hora, quinze minuto, ou vinte minuto, tal.[...]

[Amostra Censo – Falante 46 – PEUL]

Os exemplos acima indicam a necessidade de um estudo que busque verificar o comportamento das orações circunstanciais de gerúndio em seu uso real na língua, uma vez que os dados podem apresentar certos elementos não levados em consideração na abordagem tradicional.

Com referência às relações semânticas inferidas no contexto das orações de gerúndio, há divergência entre as gramáticas normativas, o que reforça a justificativa de realização deste estudo.

Outro ponto a ser ressaltado consiste na falta de consenso entre as gramáticas tradicionais e estudos linguísticos em geral quanto ao estatuto sintático das orações de gerúndio. A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) exclui a possibilidade de as orações gerundiais serem compatíveis com uma leitura coordenada, algo possível, como mostra o exemplo (4).

(4) Ao sair do veículo, um bandido rendeu a mulher dele, Nilda Ferreira, <u>roubando</u> o cordão de ouro e a aliança que ela usava. Knoller, que não estava armado, reagiu e levou um tiro no ouvido.

["Dois PMs mortos a tiros em São Gonçalo" – *O Globo* – 02/05/2005]

Já os trabalhos de caráter linguístico apresentam as mais variadas posições. Haiman (1988), por exemplo, inicialmente defende que tais orações são compatíveis com processos de coordenação por estarem conceitualmente próximas às orações com as quais se vinculam, porém não descarta a possibilidade de uma leitura subordinada. Assim, a ambiguidade parece ser uma característica inerente às clausulas gerundiais. Haspelmath (1995), por seu turno, sustenta que as orações gerundiais constituem processos de subordinação e apresenta, inclusive, os critérios que justificam tal postura.

Neste sentido, objetivamos com o presente estudo verificar o estatuto sintático das orações circunstanciais de gerúndio e seu comportamento no português brasileiro à luz de

pressupostos da Linguística Funcionalista. Para nossa investigação, propusemos diversas categorias analíticas que serão referidas como grupos de fatores: (i) modalidade da sequência na qual se encontra a oração gerundial; (ii) posição da oração de gerúndio em relação à oração matriz; (iii) transitividade da oração matriz; (iv) semântica do verbo da oração gerundial e da oração matriz; (v) correferencialidade entre os sujeitos da oração matriz e da oração de gerúndio; (vi) explicitude do sujeito da oração gerundial; (vii) animacidade dos sujeitos das orações matriz e de gerúndio; e (viii) tipo textual na qual se encontra a oração de gerúndio.

O texto desta dissertação estrutura-se da seguinte maneira: No item 1, apresentamos o referencial teórico e os processos metodológicos utilizados na elaboração desta pesquisa, juntamente com a descrição da amostra utilizada.

No item 2, revisamos algumas abordagens acerca das orações circunstanciais de gerúndio. Consideramos o tratamento da gramática tradicional e o tratamento linguístico. Neste último grupo, apresentamos uma apreciação dos trabalhos de Halliday (1994), Dik (1997), Lehmann (1988), Haiman (1988) e Braga (1996), seguidos de uma revisão de duas análises mais recentes, as de Haspelmath (1995) e König (1995).

O item 3 é dedicado à análise dos dados. Primeiramente, discutimos o estatuto sintático das orações, tendo por base os critérios de Haspelmath (1995), seguido de uma análise das relações semânticas por elas expressas, embasando-nos em König (1995). A investigação quantitativa dos dados concentra-se no exame das orações a partir dos grupos de fatores anteriormente mencionados.

Ao final, no item 4, o texto oferece algumas conclusões e reflexões, seguido das referências bibliográficas, constituindo o último capítulo desta dissertação.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

1.1. Referencial teórico

Neste estudo, as orações circunstanciais de gerúndio são analisadas sob uma perspectiva funcional. Segundo essa perspectiva, a língua é um instrumento de comunicação entre os seres humanos e essa concepção é extremamente relevante para explicar o modo como as línguas são. É importante ressaltar que o conceito de comunicação adotado neste modelo não está confinado à transmissão de informação, mas engloba toda a variedade de atos de fala que ocorrem nas sociedades humanas, incluindo a organização e a manutenção das relações sociais (BUTLER 2003:3).

O objeto de estudo do funcionalismo é todo o complexo de padrões que constituem a língua, devendo-se relacionar essa complexidade de padrões ao seu uso nas atividades comunicativas. Conforme Nichols (1984) sustenta, a situação comunicativa motiva, restringe, explica e determina a estrutura gramatical. Assim, o estudo do sistema deve fazer-se dentro do quadro de uso, já que se parte "do princípio de que é no uso que os diferentes itens assumem seu significado e definem sua função" (NEVES 2000:13).

A fim de sintetizar algumas das principais propriedades do funcionalismo, apresentamos abaixo as sete características relacionadas por Butler.

- Ênfase na língua como meio de comunicação humana em contextos sociais e psicológicos.
- Rejeição, total ou parcial, da assunção de que o sistema linguístico é arbitrário e auto-suficiente, em favor de explicação funcional em termos de fatores cognitivos, sócio-culturais, fisiológicos e diacrônicos.

- Rejeição, total ou parcial, da assunção de que a sintaxe é um sistema auto-suficiente, em favor de uma abordagem segundo a qual a semântica e a pragmática são consideradas centrais e a sintaxe é concebida como um meio para expressar significados e que é parcialmente motivada por esses significados.
- Reconhecimento do caráter não-discreto da classificação linguística e, de maneira mais geral, reconhecimento da importância da dimensão cognitiva.
- Preocupação com a análise de textos e seus contextos de uso.
- Grande interesse por tipologia.
- Adoção de uma visão construcionista de aquisição de linguagem.

[Adaptado de BUTLER 2003:29]

É importante ressaltar, entretanto, que o funcionalismo, apesar de ser normalmente concebido como uniforme, pode ser desmembrado em tipos. De acordo com Nichols (1984), são três os tipos de funcionalismo: *conservador*, *moderado* e *extremista*. O primeiro reconhece que os modelos formais mais extremados são inadequados, porém não propõe uma nova análise da estrutura. Para a autora, os funcionalistas conservadores são, na realidade, linguistas formais que, em seus estudos, incorporam fatores comunicativos e pragmáticos. O segundo tipo, além de reconhecer a inadequação de análises formalistas, propõe um exame funcionalista da estrutura. O último tipo nega a existência da 'estrutura como estrutura' e defende que as regras se baseiam na função (NICHOLS 1984:102-3).

O funcionalismo se vale de categorias analíticas relevantes, tais como iconicidade, marcação, transitividade, planos discursivos, informatividade, gramaticalização, entre outros. A *iconicidade* diz respeito à hipótese de que a estrutura diagramática tem relação com o estado dos eventos do mundo extra-linguístico. Segundo Givón (1990), este princípio manifesta-se em três sub-princípios: quantidade – quanto maior a quantidade de informação

maior a quantidade de forma linguística; proximidade – conteúdos que estão mais próximos cognitivamente também estão mais integrados na estruturação linguística; e ordenação linear – a informação mais importante tende a ocupar o primeiro lugar na cadeia sintática.

Quanto ao princípio da *marcação*, um item é considerado marcado se sua estrutura for mais complexa estrutural e cognitivamente do que a estrutura do item não-marcado, e se for menos frequente do que o item não-marcado correspondente.

Como o texto fornece uma função pragmática, os *planos discursivos* relacionam-se com o fato de um texto apresentar distinção entre o que é central (figura) e o que é periférico (fundo). "Por figura entende-se aquela porção do texto narrativo que apresenta a sequência temporal de eventos concluídos, pontuais, afirmativos, *realis*, sob a responsabilidade de um agente, que constitui a comunicação central. Já fundo corresponde à descrição de ações a eventos simultâneos à cadeia da figura, além da descrição de estados da localização dos participantes da narrativa e dos comentários avaliativos." (CUNHA; COSTA; CEZARIO 2003:39) Atualmente, trabalha-se com a ideia de *continuum* em vez de categorias discretas e isoladas. Assim, a análise é feita em termos de um determinado segmento estar mais próximo do pólo correspondente à figura ou do pólo correspondente ao fundo.

A *informatividade* diz respeito à informação que os interlocutores compartilham na interação. Esta informação pode ser nova, evocada e inferível, de acordo com a classificação de Prince (1981 *apud* BRAGA 1995a). A autora adota uma perspectiva textual para a identificação do *status* informacional de um elemento. Assim, a informação *nova* é aquela mencionada pela primeira vez em um determinado discurso, a informação evocada é aquela já mencionada anteriormente, enquanto que a informação inferível é aquela dedutível de outros elementos já mencionados.

Com relação ao conceito de *gramaticalização*, este é compreendido como o desenvolvimento de um elemento lexical em um gramatical ou de elemento gramatical em

uma estrutura ainda mais gramatical (HEINE 1991). Vale lembrar que a gramaticalização deve ser compreendida como um processo unidirecional, gradual e variável, e não como uma mudança abrupta (MARTELOTTA 2008). Para esta dissertação foram levados em consideração os conceitos de iconicidade, marcação e transitividade, sendo este último discutido mais detalhadamente no item 3.3.3.

O item seguinte apresenta a metodologia e o *corpus* utilizado para a realização desta dissertação.

1.2. Metodologia e *corpus*

Para a quantificação do papel das variáveis analíticas agrupadas nesta dissertação, utilizamos o programa computacional GOLDVARB que integra o pacote de programas Varbrul, apesar de nosso objeto de estudo não ter sido concebido como um fenômeno de variação ou de mudança. O uso deste programa nos permitiu dar um tratamento estatístico mais apurado às mencionadas variáveis independentes.

Os grupos de fatores utilizados em nossa investigação, como adiantado na introdução deste trabalho, serão listados a seguir para, no capítulo sobre a análise quantitativa dos dados, serem devidamente explicitados. O primeiro grupo de fator é a modalidade da sequência na qual a oração de gerúndio se encontra. Como analisamos textos falados e escritos, buscamos examinar se as orações em análise são mais recorrentes na fala ou na escrita. O segundo grupo de fator é a posição da oração de gerúndio em relação à oração matriz. Três posições foram consideradas: posposição, anteposição e intercalação. A transitividade da oração matriz constitui o terceiro grupo de fator, segundo o qual levamos em consideração orações principais transitivas com e sem argumento interno realizado, orações intransitivas e orações com verbo de ligação. O quarto grupo de fator diz respeito à semântica do verbo da oração

gerundial e da oração principal, a partir dos tipos relacionados por Halliday (1994). O quinto grupo de fator é a correferencialidade entre os sujeitos da oração de gerúndio e da oração matriz, enquanto que o sexto grupo refere-se à explicitude do sujeito da oração gerundial. Ainda em relação aos sujeitos das duas orações (de gerúndio e principal), o sétimo grupo de fator diz respeito à animacidade dos sujeitos. O oitavo e, vale dizer, último grupo relaciona-se ao tipo textual no qual se encontra a oração de gerúndio.

Com relação à amostra utilizada, esta é composta de textos falados e escritos e foi constituída com o objetivo principal de agrupar os textos segundo fossem predominantemente narrativos, argumentativos, descritivos e expositivos[1].

A respeito da modalidade falada, utilizamos duas amostras: a Amostra Censo do PEUL e a Amostra Elocução Formal do Projeto NURC-RJ. O Projeto de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL) foi formulado com o objetivo principal de estudar fenômenos variáveis presentes no português falado não-culto do Rio de Janeiro (PAIVA & SCHERRE 1999). O *Corpus Censo* é constituído por amostras de fala de adultos e crianças: são 48 horas de gravação com falantes adultos, divididos por três faixas etárias (15-25 anos, 26-49 anos e mais de 50 anos), e 14 horas de gravação com crianças na faixa de 7 a 14 anos. Utilizamos apenas amostras de adultos.

O Projeto NURC-RJ (Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro) objetiva coletar material para o estudo da modalidade culta da língua falada. O acervo é constituído de 350 horas de entrevistas gravadas nas décadas de 70 e 90 do século XX e é dividido em três volumes de acordo com o tipo de texto: elocuções formais (EF) – gravações de aulas, conferências, palestras, etc; diálogos entre informante e documentador (DID) – entrevistas sobre diferentes temas feitas diretamente entre entrevistador/entrevistado; e diálogos entre dois informantes (D2) – gravação de um diálogo (conversa) entre dois entrevistados com a

[1] Os tipos textuais serão tratados detalhadamente na seção 3.3.6.

presença de um documentador. Para nossa investigação, utilizamos os inquéritos de elocução formal.

Nesta dissertação, alguns fatores sociais, como gênero/sexo do falante não foram levados em consideração. Nossa maior preocupação foi em equiparar o número de textos no que diz respeito aos tipos textuais, como mostraremos na seção 3.3.1.

Com referência à modalidade escrita, nossa amostra é composta de textos extraídos dos jornais cariocas *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Extra* e *O Povo*, no período que compreende os anos de 2004 e 2005.

O próximo item apresenta uma síntese da algumas abordagens normativas e linguísticas sobre as orações circunstanciais de gerúndio.

2. AS ORAÇÕES DE GERÚNDIO

2.1. O tratamento da gramática tradicional

As orações de gerúndio têm sido alocadas, pelas abordagens gramaticais tradicionais, entre os processos de subordinação. Ademais, elas recebem a nomenclatura de orações reduzidas por apresentarem o verbo na sua forma não-finita, no caso o gerúndio, e por dispensarem um nexo explícito, podendo, em muitos casos, ser desdobradas nas orações desenvolvidas correspondentes.

Há, entretanto, autores que apresentam a possibilidade de tais orações serem compatíveis com uma leitura coordenada, o que indica que não há consenso quanto ao estatuto sintático das orações gerundiais entre as gramáticas tradicionais. Neste sentido, apresentamos as abordagens de sete gramáticas diferentes acerca das orações de gerúndio e seus usos.

Iniciamos com a *Gramática Secundária da Língua Portuguesa* de Said Ali (1964), que mostra os diversos usos do gerúndio. Enquanto oração, tal forma não-finita pode equivaler tanto a orações subordinadas adjetivas e adverbiais, quanto a orações coordenadas. Quando a oração gerundial designa fato imediato após outro ela pode ser parafraseada por uma coordenada, iniciada pela conjunção *e*. Com relação às subordinadas adverbiais reduzidas de gerúndio, Said Ali lista cinco relações semânticas que tais orações podem expressar[2]: tempo, causa, modo, meio ou instrumento, condição e concessão.

Said Ali afirma ainda que "todas as orações de caráter adverbial podem-se expressar pela forma explícita, excetuando-se as de modo, meio ou instrumento, para cuja enunciação nos valemos somente da oração gerundial." (*ibidem*, p.132) A respeito da relação de tempo, o

[2] Vale lembrar que as relações semânticas são inferidas no contexto da contiguidade entre a oração de gerúndio e a outra oração a qual ela se vincula. Por razões estilísticas, vamos proceder como se a relação semântica pudesse ser expressa tão somente pela oração de gerúndio.

autor defende que esta noção apresenta desdobramentos semânticos. O primeiro deles diz respeito ao fato de orações de gerúndio denotar ação simultânea, correspondendo a uma oração explícita iniciada pela conjunção *enquanto* ou pela locução conjuntiva *ao mesmo tempo que*. A oração gerundial também pode expressar a noção de fato anterior a outro, realizado imediatamente antes ou pouco antes de outro, o que corresponde a uma cláusula explícita iniciada por *depois que*. Além disso, diferentemente da proposta adotada pela NGB segundo a qual as orações de gerúndio são as formas reduzidas de suas respectivas contrapartes desenvolvidas por apresentarem o verbo na forma nominal de gerúndio e por dispensarem um conector, Said Ali defende que as referidas orações podem vir precedidas por *em*. Nestes casos, equivalem às orações temporais de *logo que* e *no momento em que*.

Assim como Said Ali, Bechara (1976) sustenta que as orações de gerúndio podem corresponder às coordenadas e às subordinadas adjetivas e adverbiais. Quando coordenada, a oração gerundial equivale a uma desenvolvida introduzida por *e*, exprimindo fato imediato que se segue a outro. Quando subordinada adjetiva, as orações de gerúndio indicam uma atividade passageira ou uma atividade permanente, "qualidade essencial, inerente aos seres, própria das coisas" (*ibidem*, p. 238). Já com relação às subordinadas adverbiais, podem expressar as relações semânticas de causa, concessão, consecução, condição, tempo e modo, meio e instrumento.

Luft (1979) e Kury (1970) apresentam análises similares para as orações de gerúndio. Assim como Said Ali e Bechara, os autores defendem a possibilidade de orações gerundiais corresponderem a coordenadas, a subordinadas adjetivas e a subordinadas adverbiais. Com referência as últimas, ambos os autores explicitam o fato de as orações gerundiais poderem denotar causa, concessão, condição, modo e tempo. Luft e Kury igualmente concordam em considerar como infeliz a exclusão das orações modais dentre o grupo de subordinadas adverbiais pela NGB. Para Luft "falta simetria entre os advérbios e orações adverbiais"

(LUFT 1979:63), uma vez que estas últimas atuam como adjuntos adverbiais de seus advérbios correspondentes. Kury aponta que a exclusão das orações modais se deve a uma análise histórica, não estrutural, já que, de acordo com a NGB, os casos que mostrariam o gerúndio atuando como oração na verdade o mostram atuando como "simples adjunto adverbial de modo, pois continua com o mesmo valor, o ablativo latino de que se origina" (KURY 1970:94).

Além disso, Kury afirma que há possibilidade de orações de gerúndio apresentar mais de uma relação semântica, não sendo possível, em muitos casos, atribuir uma única noção semântica à oração subordinada adverbial de gerúndio. Seguindo a proposta de Kury, o gerúndio, então, parece se caracterizar por essa ambiguidade semântica, visto que não dispõe de morfemas que expressam tempo, modo e pessoa. A identificação semântica fica altamente dependente do contexto, e essa dificuldade pode estar relacionada às diferenças observadas no seu tratamento.

A posição, portanto, dos autores analisados até então difere daquela adotada pela NGB. Há outros porém que subscrevem à proposta da NGB, como passamos a considerar a seguir.

Rocha Lima (1972) e Cunha & Cintra (2001), por exemplo, excluem a possibilidade das orações em questão receberem uma leitura coordenada. Os autores apresentam análises que coincidem com a classificação das orações de gerúndio como reduzidas das subordinadas adjetivas e adverbiais. Em relação a estas últimas, ambos afirmam que as orações gerundiais podem ser classificadas como reduzidas de causa, concessão, condição e tempo. A única diferença entre as duas gramáticas é a inserção, feita por Rocha Lima, das orações de modo no grupo das subordinadas adverbiais, defendendo que "a circunstância de modo somente aparece sob a forma de oração reduzida (de gerúndio)" (ROCHA LIMA 1972:256), assim como Said Ali.

A última gramática analisada é a *Gramática da língua portuguesa*[3], de Mateus *et al* (2003). Para as autoras, as orações subordinadas adverbiais articulam-se com suas respectivas orações principais por hipotaxe. Elas relacionam cinco orações adverbiais: condicionais, causais, finais, concessivas e temporais, alegando que "as orações comparativas, as consecutivas e as proporcionais típicas não têm propriedades de subordinação adverbial" (MATEUS *et al* 2003:697). Porém, são as relações semânticas de causa, tempo, condição e concessão que podem ser expressas pela oração reduzida de gerúndio.

Conclui-se, portanto, que as orações de gerúndio são vistas por todos os autores apresentados como reduzidas de oração subordinada (especialmente) adverbial. Já a coordenação não é vista pela maioria como uma possível relação expressa pelo gerúndio.

Como este trabalho tem como foco as denominadas pela NGB de orações subordinadas adverbiais, apresentamos o quadro abaixo que visa a reunir as relações semânticas expressas pelas orações de gerúndio segundo gramáticas analisadas nesta seção.

Quadro 1: Relações semânticas que podem ser inferidas no contexto das orações de gerúndio

Tempo	Tempo	Tempo	Tempo	Tempo	Tempo	Tempo
Causa	Causa	Causa	Causa	Causa	Causa	Causa
Concessão	Concessão	Concessão	Concessão	Concessão	Concessão	Concessão
Condição	Condição	Condição	Condição	Condição	Condição	Condição
	Modo	Modo, Meio ou Instrumento	Modo, Meio ou Instrumento	Modo	Modo	
		Consecução				
Cunha & Cintra, 2001	Rocha Lima, 1972	Bechara, 1976	Said Ali, 1964	Luft, 1979	Kury, 1970	Mateus *et al*, 2003

A análise do quadro revela que não há controvérsias quanto às relações de tempo, causa, concessão e condição. As relações de modo, meio ou instrumento e consecução, por outro lado, são mais problemáticas, pois há divergências entre as gramáticas.

[3] Apesar desta gramática não se encaixar propriamente dentre as abordagens tradicionais, alocamo-la nesta seção.

Além disso, os autores analisados parecem apresentar um ponto em comum na análise das orações de gerúndio. Para eles, excetuando-se a relação de modo, meio ou instrumento, todas as demais relações possuem uma correspondente na forma desenvolvida.

A seção seguinte deste trabalho apresenta análises das orações de gerúndio segundo abordagens linguísticas.

2.2. Orações de gerúndio e abordagem linguística

Há diversos estudos linguísticos de cunho funcionalista a respeito das orações adverbiais, porém são poucos os trabalhos que focam as orações gerundiais. Na grande maioria dos casos, as orações de gerúndio são tratadas juntamente a outros temas, ou recebem apenas uma breve menção. Além disso, observa-se que inexiste acordo quanto ao estatuto sintático atribuído às orações gerundiais e, por conseqüência, ao processo através dos quais elas se vinculam a sua oração núcleo.

Nesta seção, portanto, apresentamos alguns trabalhos linguísticos de caráter funcionalista a respeito das orações subordinadas adverbiais de gerúndio, para posteriormente introduzirmos uma revisão de duas análises mais recentes, a saber as de Haspelamath (1995) e König (1995).

Iniciamos com o trabalho de Halliday (1994), para quem as orações podem ser classificadas de acordo com dois sistemas de relações: o sistema de relações táticas e o sistema de relações lógico-semânticas. O primeiro sistema compreende as relações paratáticas, hipotáticas e de encaixamento, enquanto que o segundo sistema inclui as relações de expansão e projeção. De acordo com a classificação de Halliday, as chamadas orações subordinadas adverbiais de gerúndio constituem estratégias de hipotaxe, visto que congregam os traços [+dependência] e [–encaixamento], distinguindo-se, portanto, tanto das estratégias

paratáticas, que apresentam os traços [–dependência] e [–encaixamento] quanto das estratégias de encaixamento, com os traços [+dependência] e [+encaixamento]. A dependência é formal, isto é, sinalizada por um dos dois critérios listados a seguir:

i. presença de conectivo subordinador

ii. forma não-finita do predicado verbal

Além disso, por realçarem a oração núcleo a qual se vinculam, as orações subordinadas adverbiais de gerúndio constituem processos de realce.

Dik (1997), por seu turno, considera as cláusulas de gerúndio como construções encaixadas, vale dizer, um processo de subordinação, estatuto identificável pelos critérios formais apresentados a seguir:

i. presença de subordinador

ii. ordem especial dos constituintes

iii. dependência do modo verbal

iv. uma combinação de i-iii

De acordo com o autor, as orações de gerúndio se subdividem em abertas e fechadas consoante à especificação do sujeito. Fechadas são as orações que apresentam o argumento sujeito especificado enquanto que abertas são aquelas nas quais o sujeito não vem especificado.

Com relação a Lehmann (1988), este apresenta uma abordagem tipológica das orações complexas, defendendo que a investigação destas deve ser feita a partir de seis parâmetros[4], sendo o parâmetro mais adequado ao estudo das orações circunstanciais de gerúndio o da dessentencialização da oração subordinada. Com este parâmetro, Lehmann se propõe a medir o grau de expansão ou redução de uma oração. Quanto à redução, o autor procura verificar perdas de elementos oracionais, como força ilocucionária, tempo, modo e aspecto verbais. À

[4] Os seis parâmetros são: degradação hierárquica da oração subordinada, nível sintático do constituinte ao nível sintático da oração, dessentencialização da oração subordinada, gramaticalização do verbo principal, entrelaçamento das duas orações e explicitude da ligação.

medida que a oração perde um desses elementos ela se torna mais nominalizada, ou seja, sofre um processo de dessentencialização.

Haiman, em seu trabalho de 1988 intitulado “Iconicity vs. economy: the case of clause incorporation”, foca o estatuto ambíguo da oração de gerúndio, qual seja o fato de elas compartilharem propriedades de sequências coordenadas e subordinadas.

Tais orações apresentam determinadas propriedades que servem para caracterizá-las, como a redução e a incorporação, sendo que ambas podem ser duplamente motivadas. A primeira motivação é a econômica, isto é, as orações de gerúndio são reduzidas e incorporadas por estarem conceitualmente próximas às orações com as quais se articulam, um processo próximo ao da coordenação. A segunda motivação é a iconicidade, ou seja, as orações de gerúndio são reduzidas e incorporadas por refletirem material pano de fundo em relação à oração matriz, aproximando-se de um processo de subordinação.

A questão, portanto, é: as orações de gerúndio estão coordenadas ou subordinadas em relação à oração com a qual se articulam? Em seu estudo, Haiman concentra-se na primeira motivação, mostrando como estas orações se comportam em variadas línguas, a fim de evidenciar que orações pano de fundo não são necessariamente reduzidas e que tanto a redução quanto a incorporação são motivadas, em muitos casos, pela proximidade conceitual.

Primeiramente, valendo-se de línguas como o turco e o japonês, o autor investiga casos de paráfrase de oração coordenada desenvolvida por reduzida de gerúndio; mostra que tal paráfrase é possível quando há correspondência de significados, salientando que as orações de gerúndio acrescentam traços semânticos que não eram sinalizados pelas orações coordenadas desenvolvidas. Outra diferença apontada pelo autor é que construções com gerúndio têm como um de seus significados mais característicos a simultaneidade das duas orações, vale dizer que ambas são concebidas como um único evento e não sinalizando dois separados, como acontecem nas construções coordenadas.

Em outro ponto do trabalho, Haiman apresenta argumentos que se contrapõem aos normalmente utilizados para caracterizar processos de subordinação, como o fato de a dependência e a redução serem igualadas à subordinação e orações pano de fundo motivar a incorporação. Para ele, tanto a dependência quanto a redução são também características de orações coordenadas e a incorporação, comumente associada à subordinação, é primariamente um índice de proximidade conceitual entre orações. Nas palavras de Haiman, "the more they [clauses] share, the easier it is to incorporate one within the other." (HAIMAN 1988:228) Neste sentido, é a proximidade conceitual, e não o pano de fundo, que motiva a incorporação.

Um outro fator para as orações de gerúndio serem consideradas como conceitualmente próximas às orações com as quais se articulam é o fato de expressarem simultaneidade, o que o autor relaciona à "liberdade de iconicidade temporal, ou à sua relativa liberdade posicional"[5]. Orações subordinadas tendem a funcionar como pano de fundo e estão ligadas a uma linha temporal, na qual os eventos em primeiro plano ocorrem.

Em sua conclusão, Haiman sustenta que é a proximidade conceitual que motiva a redução, incorporação e liberdade de iconicidade temporal das orações de gerúndio, ou seja, associa tais orações aos processos de coordenação. Contudo, afirma também que orações reduzidas de gerúndio podem constituir processos de subordinação, defendendo, assim, que as referidas orações são de estatuto ambíguo e esta ambiguidade está associada à forma superficial que as orações de gerúndio apresentam.

Seguindo o trabalho de Haiman, Braga (1996) investiga as orações de gerúndio buscando responder ao questionamento levantado pelo autor, qual seja, a qual estratégia (subordinação ou coordenação) estariam alocadas as orações em questão. Braga concentra-se apenas nas cláusulas que expressam tempo-condição, pois dentre todas as relações proposicionais codificadas pelas orações de gerúndio, são as de tempo-condição que satisfazem à condição necessária para testar a hipótese de Haiman, isto é, uma mesma relação

[5] No original: "freedom from tense iconicity, or their relatively free preposability" (p.228).

proposicional apresentando variadas estruturas sintáticas (orações reduzidas de gerúndio, orações subordinadas adverbiais desenvolvidas e orações coordenadas).

A fim de aferir o grau de subordinação das orações em questão, a autora lança mão de quatro parâmetros: posição da oração em relação à oração núcleo; explicitude do sujeito; identidade do sujeito; e nível sintático do constituinte ao qual a oração se articula. A análise dos resultados mostrou que as orações de gerúndio não podem ser assimiladas nem às subordinadas desenvolvidas nem às coordenadas. Em relação ao primeiro parâmetro, as orações de gerúndio se aproximam das subordinadas desenvolvidas; em relação ao segundo e terceiro parâmetros, as orações de gerúndio diferenciam-se tanto das subordinadas desenvolvidas quanto das coordenadas; já o quarto parâmetro não se mostrou válido para a investigação desenvolvida pela autora.

Ao final de seu trabalho, a autora conclui que a indagação em pauta não é de fácil resolução, visto que tal ambigüidade parece ser uma característica inerente das orações de gerúndio.

Tendo feita uma breve revisão de alguns trabalhos acerca das orações de gerúndio, os itens seguintes considerarão duas abordagens mais recentes a respeito de nosso objeto de estudo.

2.3. *Converb* como uma categoria válida trans-linguisticamente

Em seu trabalho de 1995 “The converb as a cross-linguistically valid category”, Haspelmath apresenta um estudo tipológico das construções gerundiais, chamadas por ele de

converbs. O autor define um *converb* como "uma forma verbal não-finita cuja função principal é marcar a subordinação adverbial" (*ibidem*, p. 3). Tal construção é, assim, um advérbio verbal, assim como os particípios são adjetivos verbais. O autor apresenta, inclusive, um quadro que mostra a relação das formas verbais com diferentes classes de palavras, adaptado abaixo.

Quadro 2: Relação entre formas verbais e diferentes classes de palavras

Classe gramatical	Substantivo	Adjetivo	Advérbio
Forma verbal derivada	masdar[6] (= substantivo verbal)	particípio (= adjetivo verbal)	converb (= advérbio verbal)
Função sintática	argumento	modificador adnominal	modificador adverbial

[HASPELMATH 1995:4]

Através da análise do quadro, portanto, percebe-se que o *converb* relaciona-se com o advérbio, possuindo função sintática de modificador adverbial. Neste sentido, as construções com *converbs* não são, em geral, argumentos, mas modificadores de verbos, orações ou sentenças, sem nunca modificarem substantivos ou sintagmas nominais.

Ao continuar definindo a noção de *converb*, Haspelmath afirma que este é uma forma verbal parte do paradigma flexional dos verbos. Não é, portanto, uma forma derivacional. Além disso, os *converbs* são não-finitos, pois não apresentam morfemas que especifiquem tempo e modo e tampouco concordância com seus argumentos.

Para afirmar que construções *converbiais* são subordinadas, o autor apresenta sua caracterização de subordinação. Oração subordinada é aquela encaixada, incorporada à oração matriz, diferentemente de orações coordenadas que não podem fazer parte de uma oração

[6] O termo *masdar* vem da gramática árabe e é muito usado em descrições gramaticais nas línguas asiáticas ocidentais e das do norte da África. O autor prefere este termo em vez de *substantivo verbal* porque consiste em uma única raiz, como ocorre com os termos *particípio* e *adjetivo* (p. 48).

matriz[7]. Entretanto, Haspelmath afirma que é possível que em algumas línguas construções com *converbs* admitam paráfrase por uma oração coordenada, sem mudar o fato de que constituem processos de subordinação.

Após definir a noção de *converb*, Haspelmath apresenta algumas de suas propriedades morfossintáticas e semânticas. Primeiramente, os *converbs* são normalmente afixos ligados ao verbo, e seu sujeito é frequentemente correferencial com o sujeito da oração matriz, o que justifica o fato de o sujeito de uma construção *converbial* estar implícito na maioria dos casos.

Com relação aos critérios de subordinação, Haspelmath propõe cinco deles, afirmando que a presença de alguns deles será suficiente para a caracterização do *converb* como processo de subordinação, contrastando com as orações coordenadas que não apresentam nenhum deles. Tendo em vista os objetivos desta dissertação, apresentamos nesta seção os cinco critérios. Uma discussão mais detalhada dos critérios bem como a aplicação destes em orações circunstanciais de gerúndio serão apresentados no item 4 deste trabalho.

I. Ordem interna das palavras na oração. Segundo este critério, uma oração subordinada pode aparecer dentro da oração matriz, tornando-a descontinua, algo que não pode ocorrer com orações coordenadas. O autor apresenta exemplos do japonês, reproduzidos abaixo e já traduzidos para o português.

(1) *John wa* <u>*boosi o nui-de*</u>, *Mary ni aisatu si-ta*.
John TOP chapéu ACC tirar-CONV Mary DAT cumprimentar fazer-PAST
'John cumprimentou Mary tirando seu chapéu.'

(2) *John wa Mary ni* <u>*boosi o nui-de*</u> *aisatu si-ta*
John TOP Mary DAT chapéu ACC tirar-CONV cumprimentar fazer-PAST
'John cumprimentou Mary tirando seu chapéu.'

[HASPELMATH 1995:12]

[7] Não há consenso quanto a isso. Halliday (1994), por exemplo, defende que as orações de gerúndio constituem um processo de hipotaxe, na qual há relação entre um elemento dominante e seu dependente, pois apresentam os traços [+dependente] e [– encaixada].

No primeiro exemplo não há descontinuidade: a oração *boosi o nuide* está anteposta a *Mary ni aisatu si-ta*; já no segundo exemplo, a oração *boosi o nuide* está entre dois constituintes da oração *John wa Mary ni aisatu si-ta*, comprovando seu estatuto subordinado.

II. Posição variável das orações subordinadas. Somente orações subordinadas podem ser alocadas antes ou depois da oração matriz sem mudança de significado. Tal variabilidade posicional pode ser observada também em orações coordenadas, se os eventos foram codificados simultaneamente (*o sol brilhava e os pássaros cantavam* ou *os pássaros cantavam e o sol brilhava*); já os casos em que as orações coordenadas codificam eventos, o sentido muda se a posição das orações for modificada (o *João ligou para Maria e foi ao cinema* é diferente de *o João foi ao cinema e ligou para Maria*).

III. Anáfora pronominal. Com este critério, Haspelmath propõe que a anáfora pronominal só é possível em orações subordinadas: "o pronome deve ser c-comandado pelo seu antecedente, algo que só ocorre em construções subordinadas" (*ibidem*, p. 14). Haspelmath mostra que tal processo, possível no inglês, consiste na ocorrência de um pronome na oração de gerúndio anteposta à oração matriz, que faz referência a um nome existente na oração principal[8]. A fim de melhor ilustrar tal processo, os exemplos abaixo foram retirados de Haspelmath (1995). As sentenças em (3a) e (4a) são exemplos de processos de subordinação, sendo que no segundo há uma construção *converbial*, enquanto que as sentenças em (3b) e (4b) são exemplos de processos de coordenação, mostrando que a "anáfora" pronominal não é possível nestes casos.

(3) a. After she$_i$ came home, Zamira$_i$ solved the problems.
'Depois que ela chegou a casa, Zamira resolveu todos os problemas.'

[8] Uma vez que o pronome precede o nome, melhor seria considerar isso como uma catáfora. Por este motivo, utilizaremos aspas ao nos referirmos ao terceiro critério de subordinação.

b. *She$_i$ came home and Zamira$_i$ solved all the problems.
'Ela chegou a casa e Zamira resolveu todos os problemas.'

(4) a. Talking to him$_i$, she solved all of Pedro's$_i$ problems.
'Falando com ele, ela resolveu todos os problemas de Pedro.'

b. *She talked to him$_i$ and she solved all of Pedro's$_i$ problems.
'Ela falou com ele e ela resolveu todos os problemas de Pedro.'
[HASPELMATH 1995:14]

IV. Restrição e foco. De acordo com este critério, somente orações subordinadas podem ser interpretadas restritamente, ou seja, como modificando a oração matriz de tal modo que sua referência é estreitada. Como a restrição é um pré-requisito para foco, somente orações subordinadas são focalizadas. Orações *converbiais* podem ser focalizadas a partir de partículas como *também* e *somente*, além de poder ser o foco de uma pergunta polar ou de uma negação, e poder ser o foco de construções clivadas.

V. Possibilidade de extração. Este critério mostra que orações subordinadas não afetam a possibilidade de extração de um elemento da oração matriz, como demonstram os exemplos retirados do trabalho de Haspelmath. Em (5), há exemplos de orações coordenadas, enquanto que (6) e (7) mostram exemplos de subordinação, com a oração *converbial* figurando no exemplo (7).

(5) a. Alexis sold his car and bought a bicycle.
'Alexis vendeu seu carro e comprou uma bicicleta.'

b. *What did Alexis sell his car and buy?
'O que Alexis vendeu seu carro e comprou?'

(6) a. After he sold his car, Alexis bought a bicycle.
'Depois que ele vendeu seu carro, Alexis comprou uma bicicleta.'

b. What did Alex buy after he sold his car?
'O que Alexis comprou depois que ele vendeu seu carro?'

(7) a. What did Alexis buy, having sold his car?
'O que Alexis comprou, tendo vendido seu carro?'

b. What, having sold his car, did Alexis buy?
'O que, tendo vendido seu carro, Alexis comprou?'

[HASPELMATH 1995:16-7]

Em seu trabalho, Haspelmath também apresenta e discute construções paralelas aos *converbs*, como construções copredicativas participiais, verbos mediais, construções absolutas e construções infinitivas. Há também uma seção apenas para discussão de como a referência do sujeito implícito dos *converbs* é determinada, seguida de uma última discussão a respeito da gramaticalização das construções *converbiais*. Nesta seção, o autor mostra que *converbs* podem se tornar adposições, conjunções subordinativas e marcadores aplicativos, além de integrarem construções perifrásticas. Seu trabalho termina com uma apresentação de caráter histórico-ilustrativo a respeito das designações utilizadas na referência aos *converbs* nas línguas do mundo.

Entretanto, os pontos acima apresentados não serão tratados aqui em detalhe. Como nosso intuito é examinar a aplicação dos cinco critérios de subordinação aos exemplos do português e seu papel na identificação destes, outras partes do trabalho de Haspelmath serão postos de lado.

A aplicabilidade dos cinco critérios de subordinação às orações circunstanciais de gerúndio no português do Brasil será verificada no item 3.1 desta dissertação.

2.4. O significado das construções *converbiais*

Com seu estudo de 1995, "The meaning of converb constructions", Ekkehard König busca fornecer uma base para a análise semântica dos *converbs* nas línguas do mundo e

introduz questões relevantes para esse estudo. No entanto, seu trabalho se concentra nas línguas européias, pois foram estas que forneceram extensos estudos semânticos acerca dos *converbs*.

König discute cinco perguntas ao longo de seu trabalho. São elas:

> i) Que tipos de *converbs* podemos distinguir sob o critério semântico?
>
> ii) *Converbs* são construções ambíguas (polissêmicas) ou vagas (não específicas)?
>
> iii) Quais são as possíveis interpretações de *converbs*? Como as relações circunstanciais relevantes são definidas e diferenciadas uma da outra?
>
> iv) Quais são os fatores sintáticos, semânticos e pragmáticos que contribuem para a interpretação de um *converb* como "condicional", "temporal", "causal", "concessivo" ou "instrumental" em certos contextos?
>
> v) Sob quais condições os *converbs* podem ser focalizados ou colocados em pano de fundo e quais são suas propriedades de escopo relativas a outras expressões escopais na mesma sentença?
>
> [KÖNIG 1995:57]

Inicialmente, König, baseando-se em N. Nedjalkov (1995 *apud* KÖNIG, 1995:58), distingue três tipos de construções *converbiais* a partir de critérios semânticos. Primeiramente, há os *converbs* especializados (*specialized converbs*), que são associados a apenas uma ou duas interpretações circunstanciais, independentemente do contexto. *Converbs* deste tipo são encontrados em línguas que apresentam mais de uma marca codificadora de *converb*, como o japonês e o coreano.

O segundo tipo corresponde aos *converbs* contextuais, aqueles que podem apresentar uma grande variedade de interpretações circunstancias dependendo do cotexto e do contexto. São encontrados em línguas que apresentam um único morfema codificador de *converbs* (ou

dois, como ocorre no russo), como nas línguas românicas e eslavas, por exemplo, nas quais a interpretação semântica de um *converb* é o resultado da relação entre o significado básico vago do *converb* e diversos fatores sintáticos, semânticos e contextuais.

O terceiro tipo de construção *converbial* corresponde aos *converbs* narrativos, que apenas expressam uma "conexão coordenativa"[9] entre dois eventos ou mais, como pode ser verificado nas línguas da Mongólia, no Tamil e no Manchu. Nestas línguas, é possível verificar cadeias de diversos *converbs* usados em narrativas. Seria o caso dos *converbs* que admitem paráfrase por uma oração coordenada.

É importante ressaltar que esses tipos apresentam diferentes graus de especificidade do significado. Os *converbs* especializados são mais específicos, isto é, admitem uma única interpretação, enquanto que os narrativos são menos específicos. Ademais, os tipos apresentados são "ideais", de forma que os dados de uma língua podem se mostrar mais próximos de um ou de outro tipo, além da possibilidade de mais de um tipo ser encontrado em uma determinada língua (KÖNIG 1995:58). Como seu trabalho concentra-se nas línguas européias, o autor tratará em especial de *converbs* contextuais.

A respeito das perguntas apresentadas no início desta seção, König mostra qual sua posição quanto à controvérsia existente entre vagueza e polissemia. Para o autor, assumir que há uma distinção entre três tipos de *converbs* já é indício de sua posição ser favorável à visão de que construções *converbiais* compatíveis com várias interpretações são vagas (e não específicas) em seu significado. Isto significa dizer que a interpretação de um *converb* é altamente determinada pelo contexto, conforme os exemplos retirados de König (1995:61).

(1) a. Walking home, John saw Mary. [temporal, simultâneo]
'Indo para casa, John viu a Mary.'

b. Walking home, John often watches for eagles. [temporal, geral]
'Indo para casa, John está frequentemente atento às águias.'

[9] No original, "coordinative connection" (*ibidem*, p. 58).

c. Walking home, John would have seen the new billboards. [condicional contrafactual]
'Indo para casa, John teria visto os novos outdoors.'

Nos exemplos acima, os fatores relevantes para a identificação do valor semântico de cada sentença são o verbo modal em (1c), o advérbio de frequência em (1b) e o contexto factual da oração matriz em (1a). São fatores como esses que têm papel fundamental na análise semântica de construções *converbiais*.

Outro ponto a favor da visão de *converbs* como vagos reside no fato de que tal posição permite traçar paralelismos entre as línguas, diferentemente da visão polissêmica, que é um fator idiossincrático sobre as línguas. Tendo em vista o estudo de König ser tipológico, a visão polissêmica apresentaria dificuldades para seus objetivos.

Em seguida, König analisa e discute as relações circunstancias que construções com *converbs* podem apresentar. São elas: *tempo*, *modo*, *instrumento*, *causa*, *finalidade*, *condição*, *concessão*, *circunstância atendida* e *consequência*. O autor atenta para o fato de que cada relação corresponde a "um ponto em uma rede"; estes pontos, por outro lado, estão ligados através de certas relações paradigmáticas e por isso podem compartilhar certas propriedades (KÖNIG 1995:67). Neste sentido, a relação de *finalidade* é uma variedade da relação de *causa*, e as relações de *consequência* e *concessão* são o oposto das relações *causais*. O objetivo do autor é apresentar meios de distinguir uma circunstância da outra, a fim de evitar problemas de identificação.

O autor apresenta três fatores envolvidos na identificação das relações circunstancias dos *converbs*: propriedades gramaticais, fatores semânticos e fatores pragmáticos, a serem apresentados a seguir.

I. Propriedades gramaticais. A principal propriedade gramatical que contribui para a análise semântica dos *converbs* é a variabilidade posicional da oração, em línguas nas quais a oração que contém o *converb* não tem posição fixa no enunciado. Conforme König aponta, a análise feita por Kortmann (1991 *apud* KÖNIG, 1995) mostra que 80 por cento das construções *converbiais* em inglês apresentam ordem icônica dos constituintes, isto é, a ordem dos constituintes reflete a ordem dos eventos. A ordem icônica das orações é frequentemente encontrada naquelas construções que exprimem uma interpretação puramente sequencial, funcionando, neste caso, como um *converb* narrativo.

(2) a. *She took off her coat and scarf, dumping them on the bed*.
'Ela tirou seu chapéu e seu cachecol, jogando-os sobre a cama.'

b. *He listened at the door of the office, hearing nothing*.
'Ele escutou pela porta do escritório, ouvindo nada.'

Entretanto, quando a ordem dos eventos pode ser reconstruída através do conhecimento de mundo, uma ordem não-icônica pode ter a mesma interpretação de uma ordem icônica (*ibidem*, p.74).

(3) a. Hilary shouted his name, counting the number of echoes.
'Hilary gritou seu nome, contando o número de ecos.'

b. Counting the number of echoes, Hilary shouted his name.
'Contando o número de ecos, Hilary gritou seu nome.'

Nos casos em que a ordem dos eventos não é resultado do conhecimento de mundo, a ordem das orações é crucial para a interpretação semântica dos *converbs*. Assim, o princípio geral de iconicidade desempenha papel fundamental na interpretação semântica dos *converbs*: a posição da oração *converbial* em relação à oração matriz reflete a ordem dos eventos.

II. Fatores semânticos. A relação semântica expressa pelos *converbs* pode ser identificada através de conectores que introduzem a oração *converbial*, como as conjunções e os advérbios conjuncionais. Na maioria dos casos, entretanto, as construções com *converbs* vinculam-se às suas orações matriz sem qualquer tipo de conectivo. Uma maneira, portanto, de identificar sua relação semântica é expandindo a oração *converbial* para uma oração que apresente um conector. Vale lembrar que esta proposta de König já é defendida pela gramática normativa.

As línguas que permitem tal expansão são o inglês, o russo, o francês e o italiano, apesar deste processo ser considerado marginal nas duas últimas línguas. Em se tratando do inglês, as conjunções *although* e *nevertheless* expressam relações de *concessão*; as conjunções *while* e *meanwhile* expressam relações de *tempo*; e *because* e *therefore*, relações de *causa*.

Outros conectivos que também podem introduzir as orações *converbiais* em inglês são aqueles chamados de advérbios conjuncionais (ou advérbios conectivos ou *conjuncts*), como *meanwhile*, *then*, *therefore*, *thus*, *instead*, *nevertheless*, *thereby*, *still* e *anyway*. O uso de tais advérbios facilita a identificação da relação semântica do *converb*.

Há também o que o autor chama de partículas de foco, como o *even* do inglês. Elas mantêm o foco na oração *converbial*, enquanto todo o enunciado é colocado em pano de fundo. Nestes casos, as relações semânticas possíveis são *condição-concessão* ou *concessão*.

O tempo, o modo e o aspecto do verbo da oração matriz são igualmente relevantes para a distinção entre uma interpretação condicional e uma factual. O futuro do pretérito, por exemplo, indica que uma oração é condicional, enquanto que o presente do indicativo apresenta uma interpretação factual.

O significado do verbo também pode afetar a relação semântica expressa por um *converb*. Verbos de cognição, como *saber* e *conhecer*, e verbos relacionais, como *ser* e *possuir*, normalmente apresentam uma interpretação *causal* ou *concessiva*, enquanto que

verbos de percepção, como *ver* e *ouvir* apresentam frequentemente uma interpretação *temporal*. Segundo König, a relação de *finalidade* depende completamente do significado do verbo em algumas línguas. No espanhol, por exemplo, o gerúndio terá esta interpretação combinado a verbos como *tratar de* 'tentar' e *intentar* 'pretender'.

(4) *Tratando de atender a todos, don Roque servía a varias mesas al mismo tiempo.*
tentar:CONV de agradar ACC todos Don Roque servia a várias mesas ao mesmo tempo
'Tentando agradar a todos, Don Roque servia várias mesas ao mesmo tempo.'
(REESE 1991:227, *apud* KÖNIG 1995:82)

Há ainda os casos de *converbs* introduzidos por uma negação. Nestes casos, construções *converbiais* podem expressar as relações de *causa*, *concessão* ou *instrumento*.

III. Fatores pragmáticos. Informações contextuais, o conhecimento de mundo e os princípios gerais das línguas contribuem largamente para a análise semântica dos *converbs*. As relações de *instrumento* (*interpretativa*[10]), *consequência* e *modo* dependem do conhecimento sobre se a oração *converbial* e a oração matriz se relacionam a uma mesma situação ou a duas situações.

As relações de *instrumento*, *causa* e *concessão* são baseadas em assunções do contexto sobre as conexões normais e possíveis entre eventos e estados. Com relação aos dois primeiros, os eventos devem estar em harmonia com as conexões gerais, enquanto que na relação de *concessão* os eventos não estão em harmonia.

Feita a apresentação dos fatores auxiliadores na identificação das relações semânticas expressas pelos *converbs*, König introduz algumas características acerca de certas relações. Primeiramente, o autor acredita ser válido distinguir duas relações comumente tratadas como uma só, as relações de "modo" (*manner*) e "modal", este último sendo mais bem denominado

[10] A ser considerada futuramente.

de “circunstância atendida” (*attendant circumstance*), conforme Pusch (1980 *apud* KÖNIG, 1995) e Halmøy (1982 *apud* KÖNIG, 1995) defendem. A circunstância de *modo* deve ser usada para descrever dois aspectos ou duas dimensões de um único evento, diferentemente de *circunstância atendida*, que deve ser utilizada somente nos casos em que dois eventos ou duas ações independentes estão envolvidos, mas que, ainda assim, formam uma unidade perceptual, ou seja, uma unidade de tempo e lugar. A primeira circunstância é associada a necessidade de sujeito na oração *converbial* ser o mesmo da oração matriz. Para contrastar os dois tipos, o autor apresenta exemplos do francês (KÖNIG 1995:65-6). O primeiro exemplo mostra a circunstância de *modo*, enquanto que o segundo, a *circunstância atendida*. Os exemplos já foram traduzidos para o português.

(5) a. *Elle traversa le fleuve en nageant*
Ela atravessou o rio nadando
‘Ela atravessou o rio nadando’

b. ... *dil-it en se levant*
disse-ele CONV se levantar:CONV
‘... ele disse se levantando’

Outra relação circunstancial mencionada pelo autor é a de *instrumento*. Tal relação descreve uma única ação de dois ângulos diferentes. Em outras palavras, orações circunstanciais de *instrumento* se vinculam somente a orações matriz que descrevem agentes. Além disso, o verbo da oração matriz deve ser neutro em relação ao modo de realizar a ação em questão (KÖNIG 1995:66):

(6) *Using a sharp knife he cut the bread into four pieces*.
‘Utilizando uma faca afiada, ele cortou o pão em quatro pedaços.’

Há ainda uma relação circunstancial que é um subtipo da categoria de *instrumento*, qual seja, a *interpretativa*. Diferentemente da noção de *instrumento*, na relação *interpretativa*

inexiste um agente intencional. O verbo de uma das orações fornece uma descrição básica enquanto que o outro expressa uma interpretação (KÖNIG 1995: 67):

(7) *Not introducing her to any of his colleagues, George offended Sheila in a way that she had never thought possible*.
'Não a apresentando a nenhum de seus colegas, George ofendeu Sheila de uma maneira que ela nunca pensou ser possível.'

É também possível buscar agrupar certas relações semânticas conforme compartilhem determinadas características. As relações de *modo*, *tempo* e *circunstância atendida* constituem um grupo que contrasta com o das relações de *condição*, *causa*, *instrumento* e *concessão*. Enquanto que os primeiros apresentam certa unidade conceptual entre as orações, os últimos pressupõem certa ligação entre dois eventos, processos ou estados relevantes. Vale lembrar que este segundo grupo se divide em relações hipotéticas (*condição*) e factuais (*causa*, *instrumento* e *concessão*). Como mencionado anteriormente, a distinção entre condicional e factual é feita basicamente a partir da análise do tempo, modo e aspecto da oração principal.

Ainda em relação à interpretação de *condição*, a oração matriz em inglês deve conter um auxiliar modal (8a) ou conter um advérbio de frequência (8b) ou apresentar uma interpretação genérica ou habitual (8c) (KÖNIG 1995:78-9):

(8) a. *Wearing that new outfit, John would fool everybody*.
'Usando aquela roupa nova, John enganaria todo mundo.'

b. *Lying on the beach, John sometimes smokes cigars*.
'Deitado na praia, John às vezes fuma charutos.'

c. *Lying on the beach, John smokes cigars*.
'Deitado na praia, John fuma charutos.'

As construções de *causa* e *concessão* compartilham a propriedade de serem factuais assim como a propriedade de pressupor algum tipo de conexão geral entre dois tipos de

situações. O que as diferencia é o fato de que as proposições em uma construção de *causa* estão em harmonia com o princípio geral de regularidade e tendência, enquanto que as *concessivas* mostram dois fatos que estão em conflito com o princípio de regularidade. (*ibidem*, p. 69)

(9) a. *Since Peter is sick, he is not going to his office*.
'Uma vez que Peter está doente, ele não irá trabalhar.'

b. *Although Peter is sick, he is going to his office*.
'Apesar de Peter estar doente, ele irá trabalhar.'

As relações de *concessão* também contrastam com as de *circunstância atendida*. As primeiras expressam uma co-ocorrência excepcional de duas situações (notável no sentido que a asserção vai contra a tendência geral, é não previsível), enquanto que as últimas expressam uma co-ocorrência aleatória de duas situações.

Há também o contraste entre relações de *tempo* e de *circunstância atendida*. Os fatores importantes na identificação de uma ou outra relação são a presença de um verbo na forma não-finita e o conhecimento de mundo sobre relações convencionais entre tempo e certas atividades.

Além de sub-agrupar as relações circunstanciais entre hipotéticas versus factuais, ou entre co-ocorrência notável versus fortuita, König defende que é igualmente possível ordenar tais relações em uma escala de informatividade e/ou complexidade cognitiva. Com relação à informatividade, "o critério é a quantidade de conhecimento e/ou evidência contextualmente fornecida necessária para a identificação de uma relação específica e a ordem parece ser parcial em vez de estrita" (KÖNIG 1995:70). Assim, a *circunstância atendida* é uma relação informacionalmente bastante fraca e a *concessão* uma relação bastante informativa; as relações *causais* são mais informativas que as *temporais*; e as relações *instrumentais* são um pouco mais informativas do que as relações *causais*.

Com respeito à complexidade cognitiva, König defende que há certas relações semânticas que são mais simples que outras sendo, inclusive, adquiridas mais cedo, como as relações de *lugar*, *tempo* e *modo*. O autor defende que as relações semânticas mais simples podem se expandir em relações mais complexas, da mesma maneira como os advérbios. Neste sentido, se uma construção *converbial* receber mais de uma interpretação, uma delas é mais simples e a outra mais complexa. Um *converb* relacionado parataticamente a sua oração matriz pode ser interpretado como uma relação *adversativa*, e uma relação de *tempo* pode ser expandida tanto em uma de *causa* quanto de *concessão*.

Sendo assim, König apresenta uma análise semântica das construções *converbiais*, fornecendo elementos que auxiliam na identificação de uma ou outra relação. Em outra seção desta dissertação, apresentaremos a análise dos dados tendo por base os critérios defendidos por König.

3. ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresentamos e discutimos os resultados da análise das orações circunstanciais de gerúndio. Iniciamos com a investigação da aplicabilidade dos cinco critérios de subordinação apresentados por Haspelmath (1995) e já tratados na seção 2.3 deste trabalho, seguida de um estudo das relações semânticas possíveis de serem inferidas pelas orações de gerúndio, à luz dos conceitos defendidos por König (1995). Vale ressaltar que a análise apresentada nos itens 3.1 e 3.2 são de caráter qualitativo.

O item 3.3 apresenta os resultados quantitativos para a análise das orações de gerúndio em relação aos seguintes grupos de fatores: modalidade, posição da oração de gerúndio, transitividade da oração com a qual a gerundial está vinculada, tipo do verbo na oração matriz e na de gerúndio, correferencialidade entre os sujeitos da oração de gerúndio e da principal, explicitude do sujeito, animacidade do sujeito e tipo textual na qual a oração de gerúndio se encontra.

Sendo assim, passamos à análise dos resultados encontrados para as orações de gerúndio.

3.1. Orações de gerúndio: estratégia de subordinação ou coordenação?

Nesta seção, fazemos uma apreciação dos cinco critérios de subordinação apresentados por Haspelmath (1995) em relação às orações circunstanciais de gerúndio no Português do Brasil.

A seguir, os cinco critérios de subordinação serão relembrados para posteriormente ser averiguado a sua aplicabilidade aos dados do português brasileiro.

3.1.1. Ordem das palavras interna a oração

De acordo com o primeiro critério, uma oração subordinada pode ocorrer dentro da oração matriz, tornando-a descontinua. Ao analisar as orações de gerúndio a partir deste critério, observamos que um grande número de casos admite a inserção da oração gerundial em sua oração matriz, conforme os exemplos abaixo. Os exemplos em (a) são os dados reais encontrados, enquanto que aqueles em (b) mostram a possibilidade de aplicação do primeiro critério.

(1) a. O assaltante, que não tem um trabalho fixo, foi surpreendido pelos policiais quando estava em casa, no bairro de Nova Grécia, em São Gonçalo. [...] **Tranquilo, *Marcelo tentou corromper os agentes*, <u>oferecendo cerca de R$1 mil em dinheiro</u>**, o que o levou a ser preso em flagrante, por tentativa de suborno.

["Prisão em flagrante" – *Extra* – 24/04/2005]

b. Tranquilo, *Marcelo*, <u>oferecendo cerca de R$1 mil em dinheiro</u>, *tentou corromper os agentes*.

(2) a. [...]Empurrei ele a primeira vez. Ele: "ó, rapaz, eu vou entrar; se você entrar numa comigo, eu vou te- dar parte de você, acabo com a sua carreira." Eu falei: "é? Então, está legal, o senhor entra." Quando ele entrou, eu não esperei duas vezes. Meti o sabre nas nádegas dele, ***ele caiu no chão* <u>agonizando</u>**: (imitando) "ai, eu vou morrer." (f) Eu falei: "morre." [...]

[Amostra Censo – Falante 15 – PEUL]

b. *Ele* <u>agonizando</u> *caiu no chão*.

Nos dados analisados, foram encontrados, inclusive, casos que podem ser interpretados como ocorrência de inserção do gerúndio na oração matriz, como mostra o exemplo em (3).

(3) Em mais de três horas de reunião, Lula argumentou que a austeridade fiscal impõe um freio ao governo. ***Mas*, <u>frisando que prefere a impopularidade passageira ao populismo</u>, *avisou que manterá a política econômica*.**[11]

[Sem título – *O Globo* – 07/05/04]

[11] Ocorrências deste tipo foram tratadas como casos de intercalação da oração de gerúndio na oração matriz. Um exame mais detalhado acerca da posição da oração circunstancial de gerúndio será apresentado no item 3.3.2.

Vale lembrar que a aplicação desse critério não pode ser observada naquelas instâncias nas quais os argumentos externo e interno do predicado verbal não vêm realizados, como em (4). O primeiro critério é também bloqueado quando a oração gerundial está vinculada a uma oração complexa, como pode ser observado em (5).

(4) Mas ela não passa aperto com a balança, senão não entraria de cabeça nas novas delícias a que foi apresentada pelo pernambucano Otto:
— Eu aprendi a comer coisas que nunca imaginei: dobradinha, bode, cordeiro... Lá em casa nunca falta farinha na mesa — ***diz*, <u>rindo</u>**.
["Musa da telona" – *Extra* – 12/06/05]

(5) a. Enquanto isso, nos próximos capítulos, Beatriz (Natália Lage), que era boa, depois virou má e, pelo visto, virou boa de novo, vai começar a armar contra Ester. Quem também não deverá ter um final tão trágico como havia sido previsto será Latoya (Zezeh Barbosa). **Os autores ainda estudam se a personagem, que sempre negou sua raça, terminará os dias <u>ganhando a vida como a Mulher-Macaca numa feira</u>**.
["Bonitões caem da Lua" – *O Globo* – 11/09/05]

b. ? Os autores ainda estudam se a personagem <u>ganhando a vida como a Mulher-Macaca numa feira</u> terminará os dias.

Além dos casos em que a inserção de uma oração de gerúndio em uma oração matriz é problemática, como nos exemplos acima, houve instâncias nas quais tal inserção provocou estranheza. Nestes casos, a possibilidade de inserção mostrou-se não natural.

(6) a. Mas ("dessa") parte do nordestino vou te falar o sotaque mais assim que se perturba um pouco é o cearense. ***Ele fala* <u>cantando</u>**, não é? (est) (inint) (imitando) "Oh, mãe." Ele diz: "oh, mãe, oh, mãe, eu posso comer isso, mãe?" (riso de e) E usam muito a palavra "inté".
[Amostra Censo – Falante 46 – PEUL]

b. ? *Ele cantando fala*.

(7) F- É, ela é metida a novinha, sabe? **Metida a moça, só anda <u>rebolando</u>**. Aquilo me dá um nervoso. Minha mãe não era assim. Minha mãe já tinha quarenta e pouco minha mãe tinha quarenta e oito. Minha mãe não era, assim, metida a nova.
[Amostra Censo – Falante 06 – PEUL]

b. ? Metida a moça, *só* <u>rebolando</u> *anda*.

A análise da aplicação do primeiro critério de subordinação em orações circunstanciais do português brasileiro mostrou que, apesar da estranheza de alguns poucos exemplos, a inserção da oração de gerúndio em uma oração matriz é possível, excetuando-se as ocorrências nas quais a oração de gerúndio se liga a uma oração que não realiza seus argumentos externo e interno.

3.1.2. Posição variável

De acordo com este segundo critério, orações subordinadas podem anteceder ou suceder a oração com a qual se ligam. A análise deste critério em relação às orações de gerúndio revela que tal variabilidade posicional é possível na grande maioria dos casos.

(8) a. [...]eu sabia que a lei dizia que eu não poderia trabalhar horas extraordinárias...sem que eu tivesse... uma... com-pen-sa-ção por aquele trabalho extraordinário... eu fui à justiça querendo... e postulei uma ação contra o meu empregador... para que ele fosse... para que fosse declarado o meu direito àquelas horas extraordinárias... e **a justiça veio reconhecer o meu direito... <u>mandando-o pagar... as importâncias que seriam devidas como compensação</u>** por aquelas horas extraordinárias que eu trabalhei... [...]
[Elocução Formal – Inquérito 341 – NURC-RJ]

b. <u>Mandando-o pagar... as importâncias que seriam devidas como compensação</u>, a justiça veio reconhecer o meu direito

(9) a. **<u>Seguindo pistas de Liliane</u>, a polícia se deparou com um fato, no mínimo, curioso**. Na semana passada, ela deveria fazer a entrega de três quilos de cocaína em Barra Mansa. A droga estava em uma bolsa junto com US$10 mil. Em Santos, ela acabou tendo sua bolsa roubada por um pivete. O menor foi preso logo em seguida por policiais que estavam no local.
[“Mulher que faria entrega foi assaltada” – *Extra* – 01/05/05]

b. A polícia se deparou com um fato, no mínimo, curioso, <u>seguindo pistas de Liliane</u>

Entretanto, também foram identificadas instâncias em que a inversão é problemática – como em (10) e (11) – ou provocou estranheza – como em (12). Em (10) a inversão não

parece possível por conta do sentido de toda a sentença. Como a oração com o verbo no gerúndio parece ser a condição para que se compre a casa própria almejada, sua posposição torna a interpretação da sentença questionável. Se transformássemos a oração gerundial em uma desenvolvida condicional, por outro lado, a inversão seria possível como vemos em (10c). Com relação a (11), a oração de gerúndio está vinculada a uma oração complexa, o que bloqueia a possibilidade de inversão. Já o exemplo em (12) não parece natural possivelmente por conta da relação que os eventos têm com a realidade.

(10) a. **Os empregos vindo, a casa própria almejada por muitos vem como consequência**, em alguns casos. Espera-se que muito em breve os pedidos de um ano de mais emprego seja deixado para trás. Por enquanto, eles conseguiram superar até mesmo os tradicionais votos de paz e amor.

[“Pedidos de Ano novo” – *O Povo* – 02/01/04]

b. ? A casa própria almejada por muitos vem como consequência os empregos vindo.

c. A casa própria almejada por muitos vem como consequência se os empregos vierem.

(11) a. Numa tentativa de agradar aos americanos fichados durante o desembarque no Aeroporto Internacional Tom Jobim, os deputados estaduais mandaram um grupo de mulatas com pouquíssima roupa se esfregar nos turistas. Com uma atitude destas, o que eles fizeram foi reforçar a imagem folclorizada de que o Brasil se resume a carnaval, samba e futebol - um estigma do qual o país se esforça para se livrar. **Dar as boas vindas a estrangeiros exibindo corpos femininos seminus não é, definitivamente, uma atitude de quem está preocupado em incrementar o turismo nacional**.

[Sem título – *Extra* – 15/01/04]

b. * Exibindo corpos femininos seminus dar as boas vindas a estrangeiros não é, definitivamente, uma atitude de quem está preocupado em incrementar o turismo nacional.[12]

[12] Esta sentença suscitou dúvidas quanto a sua agramaticalidade. A título de exemplo, Vieira (comunicação pessoal) defendeu que o exemplo (11b) não seria agramatical. Em trabalhos posteriores, comprometemo-nos a aplicar testes de aceitabilidade/naturalidade e agramaticalidade a fim de avaliarmos nossas ocorrências com maior precisão.

(12) a. Ah, eles perguntaram- **chegaram aqui <u>perguntando o que eu fazia</u>**, o que não sei o quê (inint): "o que que você faz, garotão?".

[Amostra Censo – Falante 21 – PEUL]

b. ? <u>Perguntando o que eu fazia</u> chegaram aqui.

Assim como ocorrido com relação ao primeiro critério, a aplicabilidade do segundo é possível na maioria das orações circunstanciais de gerúndio, excetuando-se os casos em que a cláusula gerundial está vinculada a uma oração complexa ou quando a interpretação da sentença ficaria prejudicada pela mudança potencial na posição das orações.

3.1.3. "Anáfora" pronominal

O terceiro critério diz respeito à possibilidade de, em uma oração gerundial anteposta, ocorrer um pronome retomado por um nome na oração matriz que a sucede. Nos dados analisados observamos que este critério foi satisfeito através de manipulação, como mostram os exemplos (13) e (14) abaixo.

(13) a. [...] "Ou você, Arnaldo, um dia que você quiser também, você precisar- invés de sair seis hora, você precisa sair mais cedo, você precisa fazer qualquer coisa, ("vamos dizer"), você ainda vai daqui [para]- para Nova Iguaçu. Você mora em Nova Iguaçu, vai sair daqui às seis hora, **mas você acha que *você* <u>saindo</u> daqui às cinco, *você* chega em Nova Iguaçu mais cedo**, você me fala, eu desconto aí, está bem? (est) Eu lhe dou a lei da vantagem, não é? Aquela meia hora que você ficou eu dou, coisa e tal." Quando se tratava assim de meia hora, quinze minuto, ou vinte minuto, tal.

[Amostra Censo – Falante 46 – PEUL]

b. Mas você acha que *ela* saindo daqui às cinco, a *Maria* chega em Nova Iguaçu mais cedo.

(14) a. Desde que a pessoa pratique o bem, pode ser católico, pode ser espírita, pode ser o que for. (está) **Ele <u>amando</u> o próximo, como a ele mesmo, e <u>amando</u> a Deus, ele (hes) vai [no]- [no]- [no]- no caminho certo**. (est) (inint Palavras e segmentos interrompidos) pode ser um padre ou (hes) que for, ou um pastor, mas, se ele não praticar o bem, não adianta nada. (est) Aquilo para Deus não tem valor.

[Amostra Censo – Falante 08 – PEUL]

b. *Ele* amando o próximo como a ele mesmo, e amando a Deus, *o João* vai no caminho certo.

Observe, no entanto, que a retomada do pronome por um item lexical na oração principal soa mais natural quando a oração complexa como um todo funciona como argumento interno de um outro predicador verbal, como é o caso de (13).

Outros fatores que indicam facilidade na recuperação do pronome são a presença de conector introduzindo a oração de gerúndio e a presença de tempo composto integrado pelo verbo *ter* na oração subordinada, como mostram os exemplos (15), (16) e (17).

(15) a. Lord Straintford... Ministro inglês de Portugal... dá um ultimato a ele... ele vinha pro Brasil nem que fosse à força... **a medida que ele vai tomar <u>em chegando</u> <u>ao Brasil</u>... o que é? Abertura dos Portos**? por que? Abertura dos Portos ao comércio inglês... com a... então...

[Elocução Formal – Inquérito 382 – NURC-RJ]

b. <u>Em</u> *ele* <u>chegando ao Brasil</u>, *D. João* vai tomar uma medida: a Abertura dos Portos ao comércio inglês.

(16) a. **<u>Temendo</u> a violência do Rio, alguns parentes da corretora de imóveis Juçara Dias Menez já tinham decidido se mudar para Cabo Frio, na Região dos Lagos**. Ontem, eles tiveram que voltar à cidade, para acompanhar o enterro dela, no Cemitério de Irajá. Juçara foi morta na madrugada de ontem, com um tiro, ao tentar fugir de um assalto na Avenida Martin Luther King, em Tomás Coelho.

[“Corretora enterrada em Irajá” – *Extra* – 04/06/03]

b. <u>Em</u> *eles* <u>temendo</u> a violência do Rio, *alguns parentes* da corretora de imóveis Juçara Dias Menez já tinham decidido se mudar para Cabo Frio, na Região dos Lagos.

(17) a. **<u>Seguindo</u> pistas de Liliane, a polícia se deparou com um fato, no mínimo, curioso**. Na semana passada, ela deveria fazer a entrega de três quilos de cocaína em Barra Mansa. A droga estava em uma bolsa junto com US$10 mil. Em Santos, ela acabou tendo sua bolsa roubada por um pivete. O menor foi preso logo em seguida por policiais que estavam no local.

[“Mulher que faria entrega foi assaltada” – *Extra* – 01/05/05]

b. <u>Tendo</u> *eles* <u>seguido</u> pistas de Liliane, *os investigadores* se depararam com um fato, no mínimo, curioso.

Sendo assim, a análise do terceiro critério mostra a sensibilidade da sua aplicação à existência de conectores introduzindo a oração gerundial e à forma verbal.

3.1.4. Restrição e foco

Com relação ao quarto critério, as orações de gerúndio, por serem processos de subordinação, podem ser focalizadas através de partículas como *só* e *apenas*, ou podem ser o foco de uma interrogativa polar, de uma negação e de construções clivadas.

Em se tratando deste critério, as circunstanciais de gerúndio não apresentaram problemas quanto à focalização através de uma interrogativa polar e através de uma negação. Encontramos, inclusive, uma sequência com duas ocorrências com o mesmo predicado no gerúndio, um deles focalizado através da negação e o outro através de *apenas*.

(18) [...] não basta eu passar por quê? Cloro... por exemplo... ou algo que tenha cálcio... e vai precipitar o CaCl2... **porque eu vou alcançar este produto aqui... *não* <u>botando</u> O Ca E Cl2... mas *apenas* <u>botando</u> um íon... comum** [...]
[Elocução Formal – Inquérito 251 – NURC-RJ]

Apesar do exemplo acima mostrar a focalização através de *apenas*, encontramos dados que não admitiam esta possibilidade. Houve um grupo de orações para as quais a focalização por *apenas* ou *só* produziu resultados não naturais. Nestes casos, a oração de gerúndio estava vinculada a uma oração intransitiva sem realização de qualquer adjunto, ou a uma oração transitiva sem a realização do objeto direto, como nos exemplos abaixo.

(19) a. [...] porque antes dela arriar do jeito que ela ficou agora, sem andar, porque o primeiro, **ela *andava* <u>segurando</u> na gente**, então, ela ficou comigo, sabe? [...]
[Amostra Censo – Falante 29 – PEUL]

b. ? Ela andava *só* segurando na gente.
? Ela andava *apenas* segurando na gente.

(20) a. O carro foi alvo de uma rajada da submetralhadora**. Carlos levou três tiros na perna esquerda e reagiu <u>atirando</u>**. Ele acertou Nazareno na cabeça. Mércia foi ferida na barriga. Ambos estão internados no Hospital Rocha Faria.

["Farda manchada" – *Extra* – 23/04/2005]

b. ? Carlos levou três tiros na perna esquerda e reagiu *só* <u>atirando</u>.
? Carlos levou três tiros na perna esquerda e reagiu *apenas* <u>atirando</u>.

Vale dizer que, por outro lado, a focalização por meio de *só* ou *apenas* do verbo da oração matriz produziu resultados mais naturais. Assim, "ela só andava segurando na gente" soa mais natural do que a opção em (19b), e "apenas reagiu atirando" parece mais natural do que o exemplo em (20b). Neste sentido, os exemplos acima sugerem que a focalização por meio de *só* ou *apenas* é sensível a propriedades sintáticas do contexto.

Com relação à focalização por meio de construções clivadas, é importante ressaltar que há diferentes estratégias de clivadas no português brasileiro, como as *clivadas propriamente ditas*, as *construções foco ser*, *construções é que*, *construções que* e *sentenças pseudo-clivadas* (cf. BRAGA 1991). Ao aplicar a focalização através de estruturas clivadas aos dados, constatamos que algumas ocorrências não admitiam tal processo. Foi o caso em que a oração de gerúndio estava ligada a uma oração complexa.

(21) a. Nosso planejamento é tornar a Cabofriense um clube forte, <u>revitalizando</u> o futebol do interior do Rio de Janeiro", disse.

["PC Gusmão chega ao Cabofriense" – *O Povo* - 04/11/04]

b. ? É revitalizando o futebol do interior do Rio de Janeiro que nosso planejamento é tornar a Cabofriense um clube forte.

O emprego, portanto, do quarto critério de subordinação mostrou que sua aplicabilidade é sensível às características sintáticas do contexto. As ocorrências que apresentaram problemas a este critério são aquelas nas quais a oração de gerúndio estava ligada a uma oração complexa ou a uma oração que não realiza nenhum tipo de complemento.

3.1.5. Possibilidade de extração

De acordo com o último critério de subordinação, é possível a extração de um elemento da oração matriz com a qual a oração de gerúndio se liga, sem afetar o significado.

(22) a. Uma inglesinha de 8 apos que passava as férias na Tailândia quando ondas gigantes varreram a região deve sua vida a um elefante, um filhote de 4 anos. Amber Mason passeava montada em Ningnong num resort na ilha de Phuket, quando as ondas invadiram a praia. **As águas avançavam e mesmo submerso até os ombros o *elefante* conseguiu seguir até uma colina, <u>levando</u> Amber com ele**.
[“Elefante salva menina” – *O Globo* – 12/01/05]

b. Até aonde o elefante conseguiu seguir levando Amber com ele?

Em nossos dados, a aplicação deste critério foi bloqueada apenas nos casos em que não há elemento a ser extraído – exemplo (23) – ou nos casos em que a oração de gerúndio está ligada a uma oração complexa – exemplo (24).

(23) a. [...] o que acontece nestes livros de Comunicação e Expressão e no exame dos quinze livros... com... raras exceções... com três ou quatro exceções... o que me pareceu haver... é uma tremenda mistura de conceitos... ou seja... **o professor começa... <u>dando</u> um conceito do que seja signo lingüístico**... por exemplo... bom..,. no capítulo seguinte... ele não... vai jogar com semântica... né? [...]
[Elocução Formal – Inquérito 356 – NURC-RJ]

b. ? O que o professor começa dando um conceito do que seja o signo linguístico?

(24) a. Apesar das negociações, Borgia ainda precisava de um voto para conseguir a maioria de dois terços: o do patriarca de Veneza, Maffeo Gherardo. Com quase 90 anos, ele já estava senil. Cardeais do grupo de Borgia passaram horas falando para o idoso patriarca dos méritos de Borgia. Aparentemente cansado demais, Gherardo se comprometeu a votar no espanhol se o deixassem dormir.
Alexandre VI foi acusado de ter tornado o Palácio Apostólico um antro de devassidão, <u>promovendo</u> orgias das quais participaria sua filha mais famosa, Lucrécia Borgia. Ele terminaria seu papado, em 1503, com mais 110is filhos.
[“A eleição mais corrupta da história da Igreja” – *O Globo* – 13/04/04]

b. ? O que Alexandre VI foi acusado de ter tornado o Palácio Apostólico promovendo orgias das quais participava sua filha mais famosa?

3.1.6. Algumas considerações

A partir da análise e aplicação dos critérios de subordinação a casos do português, verificamos que a hipótese de Haspelmath é confirmada, isto é, as orações circunstanciais de gerúndio constituem processos de subordinação. Os casos em que a aplicação dos critérios às orações gerundiais foi problemática são de número reduzido e são explicáveis a partir de características sintáticas ou semânticas do contexto.

Com relação ao primeiro critério, a inserção da oração de gerúndio em sua matriz é bloqueada nos casos em que a oração gerundial está vinculada a uma outra que não realiza seus argumentos externo e interno.

Já para o segundo critério, a impossibilidade de sua aplicação foi verificada nas ocorrências em que a oração gerundial está ligada a uma oração complexa ou naquelas em que a interpretação de uma sentença ficaria prejudicada pela mudança na posição das orações.

A aplicação do quarto critério é também sensível a características sintáticas do contexto. Se a oração de gerúndio está vinculada a uma oração complexa ou a uma oração que não realiza nenhum tipo de complemento, a focalização é impedida. Esta última restrição também explica a impossibilidade do emprego do quinto critério, pois, sem elemento para ser extraído da oração matriz, sua aplicação é bloqueada.

Com relação à "anáfora" pronominal (terceiro critério), sua aplicação é possível através de manipulação, se provocadas mudanças no tempo verbal e se inseridos elementos conectores introduzindo a oração de gerúndio.

As restrições aos critérios de Haspelmath indicam que as orações de gerúndio são sensíveis a certos elementos sintáticos, como o tipo de oração a qual a de gerúndio se vincula, se esta oração apresenta seus argumentos realizados, além de haver influência da forma do predicado verbal.

3.2. Orações de gerúndio e relações semânticas

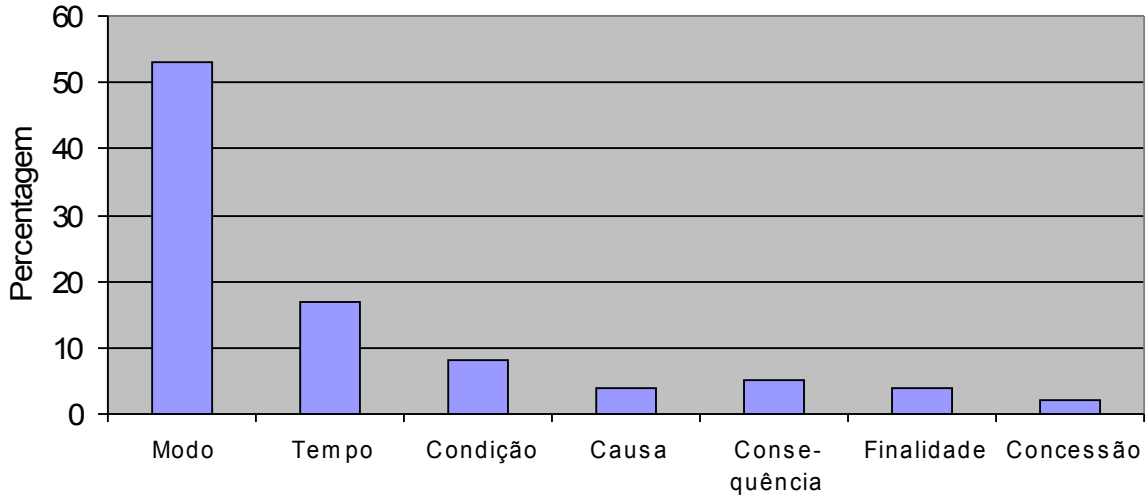
Tendo por base os princípios apresentados em König (1995), nesta seção nos dedicamos a analisar e discutir as relações semânticas que podem ser sinalizadas pelas orações de gerúndio.

Primeiramente, relembremos os postulados de König para em seguida testá-los a cada relação semântica identificada em nossos dados. Uma estratégia para determinar a relação semântica de uma oração gerundial é verificar a presença de conectores, já que eles auxiliam na detecção do significado da oração. Contudo, como a maioria das orações de gerúndio não vêm introduzidas por elementos conectores, uma estratégia é transformar a oração gerundial em uma cláusula desenvolvida, de forma que seu elemento conector se apresente. A posição das orações também auxilia na identificação do significado, uma vez que a ordem das orações pode refletir a ordem das ações no mundo. O tempo, aspecto e modo do verbo são igualmente essenciais na verificação do significado, assim como os advérbios e o contexto da oração matriz. Em alguns casos, o significado do verbo pode afetar a relação semântica expressa. É importante ressaltar que cada noção semântica apresenta características próprias, a ser relembradas e confrontadas a seguir.

Em nosso estudo, foram identificadas sete relações semânticas: modo, condição, causa, tempo, concessão, finalidade e conseqüência. Ao classificar uma oração de gerúndio como modal, estamos incluindo as relações de *circunstância atendida*, *instrumento* e "*interpretativa*" defendidas por König. Vale lembrar ainda que a noção de tempo aqui empregada abarca a relação de simultaneidade e/ou concomitância.

Antes de tratar de cada relação semântica, apresentamos o seguinte gráfico com os resultados para as relações semânticas encontradas nos dados.

Gráfico 1: Relações semânticas



A análise do gráfico revela que as orações de gerúndio normalmente expressam a circunstância de *modo*. De um total de 148 orações gerundiais, 80 (53%) exprimem a noção de *modo*. A relação de *tempo* configurou-se como a segunda mais frequente, tendo totalizado 26 orações (17%). A relação de *condição* foi verificada em 12 orações de gerúndio (8%), enquanto a relações de *causa* e *finalidade* foram identificadas em 7 (4%). A noção de *consequência* foi encontrada em 9 casos (5%). *Concessão* foi a relação que menos apresentou casos – foram 3 no total (2%).[13]

3.2.1. As relações semânticas

Iniciamos agora a análise de cada relação semântica encontrada a partir dos princípios propostos por König.

CONDIÇÃO. Para identificar a noção semântica de *condição* nas orações de gerúndio, valemo-nos da estratégia sugerida por König de transformar a oração de gerúndio em outra

[13] Apesar de orações gerundiais suscitarem dúvidas quanto à relação semântica por elas expressas, podendo muitas vezes exprimir mais de uma relação, optamos por não discutir os casos ambíguos nesta dissertação. Comprometemo-nos a apresentar um estudo mais aprofundado destas ocorrências em trabalhos futuros.

oração introduzida por conector, no caso em uma oração desenvolvida introduzida pelo conector *se*, como mostram os exemplos abaixo.

(1) a. Procurem o livro, levem-no ao sol para tirar o mofo das páginas amareladas e mergulhem na leitura. Ela é meio folhetinesca e, às vezes, não flui como estamos acostumados. **Mas, <u>fazendo</u> algumas concessões à linguagem e ao estilo do autor, o leitor pode se divertir um bocado diante de um dos grandes clássicos da história dos policiais**.

["O Gentil Ladrão de Leitores" – *Jornal do Brasil* – 11/09/05]

b. Mas, *se* <u>fizermos</u> algumas concessões à linguagem e ao estilo do autor, o leitor pode se divertir um bocado diante de um dos grandes clássicos da história dos policiais.

(2) a.[...] Largo lá, vou fazer outro, não quero nem saber! Está pronto, eu pego eles de novo. Não é? Se der para sair hoje, saiu. Se não der também, sai amanhã também, sai amanhã eu não esquento a cabeça com isso! Não esquento mesmo! E o homem lá também não me perturba. Então, tudo bem! Não perturbando- eu falo para ele; se ele me perturbar, aí mesmo que eu não faço nada. (risos) Então, não me perturba que sai o serviço todo. **Me <u>perturbando</u> não sai**. [...]

[Amostra Censo – Falante 14 – PEUL]

b. *Se* me <u>perturbar</u>, não sai.

Outro ponto auxiliador da determinação da relação de *condição*, segundo König, reside no exame do tempo, modo e aspecto do verbo da oração matriz. De acordo com Mateus *et al* (2003), o verbo da oração principal está no presente/futuro do indicativo, ou no pretérito imperfeito do indicativo, conforme o grau de probabilidade. Analisando as instâncias de orações gerundiais condicionais, constatamos que o modo verbal em todas as orações principais foi o indicativo.

(3) Já o diretor do Sindicato das Seguradoras, Roberto Santos, acrescenta que a diferença entre o valor das apólices no Rio e em outras capitais é grande. **Segundo ele, <u>tomando</u> como exemplo um Palio 1.0 2000, o seguro no Rio *chega* a ser 26,7% mais caro do que em Porto Alegre (RS), 56,7% em relação a Curitiba (PR) e 85,6% para Belo Horizonte (MG)**.

["Apólices variam por bairros" – *Extra* – 04/06/03]

(4) [...] É através de ensinamentos que a gente (hes) ganha um ("solitário"), que transmite a luz divina. quer dizer, se tem uma pessoa doente, eu vou lá, ministro o jorei, porque a doença é um estado de espírito, e o jorei é para o espírito, tratamento espiritual, que **a pessoa <u>estando</u> com o espírito forte, a pessoa não *tem* doença** porque a proposta da messiânica é terminar com a doença, a miséria e o conflito. Quer dizer, **o espírito <u>estando</u> bem, isso tudo *termina* para a pessoa**. [...]

[Amostra Censo – Falante 35 – PEUL]

Observe que outro fator relevante relaciona-se à posição da oração gerundial em relação à sua oração matriz, a ser considerada em outra parte deste trabalho.

CAUSA. Para identificar a circunstância de *causa*, transformamos a oração gerundial em desenvolvida iniciada por *porque* e *que*, conjunções prototípicas associadas à circunstância de *causa* (PAIVA 1991 e NEVES 2000). Com isso, constatamos que tal processo confirmou-se como estratégia de identificação da noção semântica, conforme os exemplos abaixo.

(5) a. **<u>Temendo</u> a violência do Rio, alguns parentes da corretora de imóveis Juçara Dias Menez já tinham decidido se mudar para Cabo Frio, na Região dos Lagos**. Ontem, eles tiveram que voltar à cidade, para acompanhar o enterro dela, no Cemitério de Irajá. Juçara foi morta na madrugada de ontem, com um tiro, ao tentar fugir de um assalto na Avenida Martin Luther King, em Tomás Coelho.

["Corretora enterrada em Irajá" – *Extra* – 04/06/03]

b. *Porque* <u>temiam</u> a violência do Rio, alguns parentes da corretora de imóveis Juçara Dias Menez já tinham decidido se mudar para Cabo Frio, na Região dos Lagos

(6) a. [...] Dom... Dom João teve que dar uma satisfação a Napoleão... ele... disse que adere ao Bloqueio Continental... mas... por trás... continuou... a negociar com a Inglaterra... confiscou grandes empresas... devolveu por trás... etc... **Napoleão... então... <u>vendo</u> que ele estava... que ele estava sendo ludibriado... pelo Rei de Portugal... pelo Regente de Portugal... o que ele fez? preparou tropas para invadir Portuga**l [...]

[Elocução Formal – Inquérito 382 – NURC-RJ]

b. Napoleão ... então ... *porque* <u>viu</u> que ele estava sendo ludibriado pelo Rei de Portugal, ele preparou tropas para invadir Portugal.

TEMPO. A identificação da circunstância de *tempo* também foi possível através da transformação da oração de gerúndio em desenvolvida introduzida por conector, no caso, pela conjunção *quando*, conforme o exemplo (7).

(7) a. Não se pode saber se essas palavras têm algo a ver com as entrevistas do pastor fluminense, o nosso Dom Eusébio Scheid. Primeiro, ele declarou, ainda no Brasil, que o próximo Papa deveria inovar e ser "um homem da mídia". **Chegando a Roma, soltou o verbo, em críticas e jogos de palavras, contra o presidente Lula**.

["Sem queixas ao Bispo" – *O Globo* – 08/04/05]

b. *Quando* chegou a Roma, soltou o verbo, em críticas e jogos de palavras, contra o presidente Lula.

Em alguns casos, a paráfrase foi efetuada utilizando a conjunção *enquanto*, como mostra o exemplo abaixo.

(8) a. Enfim, e como o Muro das Lamentações fica em outra religião, chega de choro. Sempre é possível fazer alguma observação aparentemente inteligente sobre o que tem acontecido estes dias em Roma. Por exemplo, o fato de que os rituais de velório e funeral não são imutáveis, diferentemente do código rígido que regula o conclave. **Seria exemplo disso a novidade daquele cortejo que cruzou a Praça de São Pedro, levando o corpo de João Paulo II do Palácio Apostólico para a Basílica de São Pedro**.

["Sem queixas ao Bispo" – *O Globo* – 08/04/05]

b. A novidade daquele cortejo que cruzou a Praça de São Pedro *enquanto* levava o corpo de João Paulo II do Palácio Apostólico para a Basílica de São Pedro.

König afirma ainda que o verbo da oração matriz vinculada à oração de gerúndio vem expresso na forma finita, e que nosso conhecimento de mundo também influencia na identificação de certa oração em temporal. Tomemos o exemplo (9) abaixo como ponto de partida para nossa análise. Neste exemplo, o verbo da oração matriz está na forma finita (*os policiais devolveram a bolsa para Liliane*), no caso, no pretérito perfeito do indicativo, e

nosso conhecimento de mundo nos diz que os policiais devolveriam algo para alguém após terem chegado ao local onde a referida pessoa estivesse.

(9) **<u>Chegando</u> à delegacia, os policiais *devolveram* a bolsa para Liliane, sem verificar o que tinha dentro**. Ela teria ficado abalada e pedido que outra mulher levasse a droga para o Rio. A comparsa acabou presa na rodoviária pela Polícia Federal. Liliane foi detida dias depois pela DRE do Rio.

["Mulher que faria entrega foi assaltada" – *Extra* – 01/05/05]

O exemplo acima corrobora um dos princípios de König para a identificação das relações semânticas expressas por cláusulas gerundiais, qual seja, a ordem das orações reflete a ordem entre os estados de coisas que ocorrem no mundo extra-linguístico. Da mesma maneira, nosso conhecimento de mundo nos permite perceber que no exemplo abaixo, *gritando* não representa o modo como o falante correu, mas sim uma relação de simultaneidade com a ação de correr.

(10) [...] Aí ele: "beija!" Aí eu fiz assim, não é? (beijando a mão) dei aquele beijo. Ele: "Beija direito!" Ai, menina! Aí <ti->- por fim, já não agüentava, tive que dar o beijo direito no rapaz. **Aí, corri <u>gritando</u>**, não é! "Pelo amor de deus, socorro, socorro, que eu acabei de ser assaltada". Aí me passa um senhor de carro: "Que que houve, minha filha?" "Eu acabei de ser assaltada, moço!" "Ah, (hes) isso aqui é assim mesmo." Eu falei: "Puxa, mas essa hora? Sete hora da noite?" Aí ("ele") "você não quer ir na delegacia?" [...]

[Amostra Censo – Falante 05 – PEUL]

CONCESSÃO. Com referência à circunstância de *concessão*, König afirma que tais orações são semelhantes às orações causais, no sentido de que suas proposições são factuais e há uma conexão entre dois tipos de situações. O que as diferencia é o fato de que nas orações concessivas as proposições estão em conflito.

Orações concessivas desenvolvidas são normalmente iniciadas pela conjunção *embora*, sendo utilizada também a conjunção *conquanto*. Há ainda locuções conjuntivas, que apresentam normalmente o elemento *que* como final (cf. NEVES 2000) – *mesmo que*, *ainda*

que, *posto que*, *apesar (de) que*, *se bem que*, *por mais que*, *por muito que*, *por menos que*, *nem que*, *ainda quando* e *não obstante*. Em nossos dados, foram encontrados apenas três casos de orações gerundiais concessivas. Em um destes casos a conjunção *embora* introduzia a oração de gerúndio, enquanto que nos outros dois havia o elemento *mesmo* facilitando a identificação da relação de *concessão*.

(11) (...) um outro tipo de comportamento e... conseqüentemente... outras necessidades... portanto... quando nós rotulamos as empresas de rudimentar... pequena... média... grande e multinacional... nós não podemos nos... esquecer... de que... ***embora...*** **<u>rotulando</u>-as... por uma questão de análise**... de estudo... nós vamos verificar que teremos... dentro da... dimensão de médio porte... eu terei... pequenas empresas de médio porte... médias empresas de médio porte... e grandes empresas de médio porte (...)

[Elocução Formal – Inquérito 364 – NURC-RJ]

(12) a. F- [Não viu] Santos Dumont, coitado, ("saiu") daqui para ir para França para fazer o avião?
E- ("ah,") É. É verdade.
F- Quer dizer, ("quis ver não.") o brasileiro [mesmo]- ***mesmo*** **não <u>sabendo</u> muito, ele conseguiu inventar um**- (está) (inint) E aí esse <negócio> do bujão de gás no (hes) automóvel, (está) num instante o brasileiro conseguiu, fazer errado, porque eles não fazem aquilo conforme tem que ser feito. Então, começa [a]- a explodir. (est) Sabe que dá certo. ("Porque") brasileiro descobriu que aquilo dá certo.

[Amostra Censo – Falante 08 – PEUL]

b. O brasileiro*, mesmo que* não soubesse muito, ele conseguiu inventar um.

(13) a. (...) por isso que nós nos preocupamos em situar a empresa... e você falava agora mesmo... "depende... algumas crianças atingem a adolescência mais cedo... outras atingem mais tarde"... ***mesmo*** **<u>adotando</u> esse critério... que nós... aceitamos aqui... de que doze se começa a adolescência**... é possível que... mesmo nessa sala... muitos de vocês tenham chegado à adolescência um pouco mais cedo... ou talvez... um pouco mais tarde (...)

[Elocução Formal – Inquérito 364 – NURC-RJ]

b. *Mesmo que* adotemos esse critério que nós aceitamos aqui é possível que mesmo nessa sala muitos de vocês tenham chegado à adolescência um pouco mais cedo.

Os exemplos acima confirmam a proposição de König de que os conectores são relevantes na determinação das noções semânticas expressas por uma oração gerundial.

FINALIDADE. A identificação da circunstância de *finalidade* foi possível através da modificação da oração gerundial em outra introduzida por conector. Conforme Neves (2000) afirma, as orações subordinadas desenvolvidas de finalidade são comumente iniciadas pela locução conjuntiva *para que*. Tais orações também podem ser introduzidas por *para* ou *a fim de*, nestes casos seguidos de verbo no infinitivo. Em nossas ocorrências, verificamos que a paráfrase mais natural para as orações gerundiais de finalidade foi por outra oração não-finita (de infinitivo) introduzida por *para*.

(14) a. [...] Napoleão nunca falou bem o francês... cometia mesmo muito erro... muitos erros de grafia... eu visitei em sessenta e nove... na França... a exposição... do "Grand Ballet"... sobre: Napoleão Bonaparte... foi uma das maiores exposições que a França já cultuou... **você levava seis horas... quase <u>percorrendo</u> a exposição**... a exposição começava... com a certidão de batismo de Napoleão... que é interessante observar... escrita em italiano... Napuolione Buonaparte... era em italiano [...]

[Elocução Formal – Inquérito 382 – NURC-RJ]

b. Você levava seis horas quase *para que* <u>percorresse</u> a exposição.
c. Você levava seis horas quase *para* <u>percorrer</u> a exposição.

(15) a. [...] Eu estou com um filho com vinte e três ano, ("a moça viu") emprego, porque eu não consigo emprego para ele. **Porque eu não vou botar meu filho <u>trabalhando</u> numa enxada**. Ele terminou o científico. Faculdade, eu não posso pagar para ele. Não tenho condições, porque não "está")- não dá. O que eu ganho não é suficiente para pagar a faculdade. Então, quase <to...>- é o caso é o <seguinte>: eu (inint) o científico ("e") os filho. [...]

[Amostra Censo – Falante 32 – PEUL]

b. Porque eu não vou botar meu filho *para que* <u>trabalhe</u> numa enxada.
c. Porque não vou botar meu filho *para* <u>trabalhar</u> numa enxada.

Vale ressaltar que as possibilidades vistas no exemplo acima estão mais para orações completivas nominais do que para circunstanciais finais. Observe também que o sujeito da oração gerundial em (15) é também objeto da oração principal.

A maioria das orações de gerúndio relacionadas à circunstância de *finalidade* mostrou-se ambígua quanto a sua classificação, pois, assim como apresentado em (15), tais orações

poderiam ser consideradas completivas nominais. Entretanto, por permitirem a paráfrase por outra oração introduzida por *para* (conector tipicamente associado à relação de *finalidade*), alocamos estas orações dentre o grupo de circunstanciais finais.

CONSEQUÊNCIA. A circunstância de *consequência* é também de classificação problemática. Segundo Neves (2000), as "construções consecutivas constroem-se, geralmente, em uma ordem icônica, vindo a consequência depois da causa" (*ibidem*, p. 915). De fato, todas as orações consideradas consecutivas estão pospostas às orações com as quais se vinculam, conforme o exemplo (16) abaixo.

(16) Miro, porém jamais teve intimidade com os títulos, apesar de sempre persegui-los tenazmente**. No Salgueiro, após introduzir seu Maninho no comando, Miro processou uma série de mudanças <u>afastando</u> muita gente, mas também <u>levando</u> para a agremiação muitas pessoas que julgava poder ajudar o Salgueiro ganhar títulos**. Nada funcionou. Somente conquistou um título. Foi no Carnaval de 1993 com o enredo "Peguei um Ita no Norte."

["Samba na boca do Povo" – *O Povo* – 04/11/04]

Neves afirma que as construções consecutivas são iniciadas pelas seguintes locuções conjuntivas: *de (tal) modo que*, *de (tal) maneira que*, *de (tal) sorte que*, *a tal ponto que*. Abaixo apresentamos alguns exemplos da transformação da oração de gerúndio em desenvolvida consecutiva.

(17) a. Andar com o encosto muito baixo é como não tê-lo sobre o banco. Neste caso, **a peça só serve para ajudar a flexionar ainda mais o pescoço, <u>aumentando</u> os riscos**. Isto porque o movimento brusco de alongamento do pescoço pode provocar desde distensões musculares a até mesmo tetraplegia (por causa da secção completa da medula) ou a morte.

["Com a cabeça no lugar" – *O Globo* – 09/06/05]

b. A peça só serve para ajudar a flexionar ainda mais o pescoço, *de modo que* <u>aumenta</u> os riscos

(18) a. É possível conhecer este outro lado do Disney World participando de um dos tours que revelam os bastidores de alguns de seus parques. O serviço é caro (não sai por menos de US$ 58, além do preço do ingresso normal para entrada no parque) e é pouco divulgado. Uma das alegações é que **o visitante pode se deparar com um funcionário** (muitas vezes uma mulher, por causa da altura) **tirando a fantasia e carregando a cabeça do Mickey embaixo do braço, <u>pondo</u> abaixo toda a ilusão das crianças**.

["Bastidores" – *O Globo* – 02/06/05]

b. O visitante pode se deparar com um funcionário tirando a fantasia e carregando a cabeça do Mickey embaixo do braço, *de maneira que* <u>põe</u> abaixo toda a ilusão das crianças.

Contudo, percebemos que a paráfrase mais natural para as circunstanciais de gerúndio consecutivas é por uma oração coordenada. Tal paráfrase confronta o critério defendido por König, qual seja, de que para determinar a relação semântica expressa pela oração de gerúndio, analisamos o significado de seu conector ou, em caso de inexistência de conector, transformamo-las em desenvolvida subordinada.

MODO. Finalmente passamos a considerar as orações de gerúndio associadas à expressão de *modo*. Conforme verificado no gráfico 1, as orações de gerúndio normalmente exprimem a relação semântica de *modo*. Os resultados corroboram a análise de Silva (2007). Em sua dissertação de mestrado, o autor analisou as orações modais no português do Brasil e de Portugal e constatou que tais orações podem vir expressas tanto na forma desenvolvida quanto na forma reduzida. As orações de modo desenvolvidas são aquelas iniciadas por *sem que*, *como* e *como se*. As reduzidas apresentam o verbo tanto na forma verbal no infinitivo quanto no gerúndio. Entretanto, as orações de modo são mais frequentemente expressas pela forma verbal no gerúndio. De um total de 264 dados, 189 (72%) eram expressos no gerúndio. Abaixo, alguns exemplos retirados de Silva (SILVA 2007:17-8).

(19) Joaquim José Pereira noticia saber cura Herneas no escroto com toda a perfeição *sem que* <u>fique</u> defeituoso.

(20) Esperamos, na espectativa sympathica, para applaudil-o e julgal-o *como* merece.

(21) A Inspectoria, esquecida da velha legislação Brasileira, entra, *como se* fôra sua casa, em todos os bancos, indagando pormenorizadamente de contas particulares *como se* estivera relacionando os fundos alheios para uma próxima e eqüitativa partilha.

(22) Cantando espalharei por toda parte/ Fazendas. Modas e roupas brancas.

(23) Geléa Americana de oleo de fígado de bacalhao// preparada por E.H. Treux// Para moléstias do peito/ Toma-se, como indicada a instrucção, *sem* sentir-se o menor gosto de óleo.

Luft (1979) também sustenta que as orações modais podem vir expressas em sua forma desenvolvida. Neste caso, são introduzidas por *como*, *qual*, *bem como*, *sem que*, entre outros (*Trabalhou como devia*, *Saiu sem que o notassem*, *Nada qual um peixe (nada)* – LUFT 1979:62).

Entretanto, a transformação das orações de gerúndio em desenvolvidas modais mostrou-se problemática. Em primeiro lugar, a modificação só foi possível com o uso do conector *sem que* (que tem uma carga negativa) seguido de verbo no subjuntivo. Em segundo lugar, esta transformação implica na alteração do significado da sentença, como mostram os exemplos abaixo.

(24) a. [...] E a minha- e o meus filhos estão no início de vida. Por isso (est) eu não tenho a minha sogra comigo, porque antes dela arriar do jeito que ela ficou agora, sem andar, porque o primeiro, **ela andava segurando na gente**, então, ela ficou comigo, sabe? Eu trazia, é- eu dava banho, <tra...>- sabe? Eu fazia tudo. Mas ela ainda andava. agora, sem andar eu não tenho condição, porque eu não (est) tenho empregada e não tenho ninguém, não é? Para me ajudar (est) com as crianças <m->- pequenas ainda. por isso eu não tenho ela [comigo.] [...]

[Amostra Censo – Falante 29 – PEUL]

b. Ela andava *sem que* segurasse na gente.
? Ela andava *como se* segurasse na gente.
? Ela andava *como* segurava na gente.

(25) a. Quando eu vi um papel, assim, na mão da moça, ah, aquilo me apavorou! Eu não esperei ela explicar o quê que tinha acontecido. **Eu desci por esse morro <u>correndo</u>**. ("e os") rapaz, calma ("garota, que") você vai cair, calma garota!

[Amostra Censo – Falante 06 – PEUL]

b. Eu desci por esse morro *sem que* <u>corresse</u>.
? Eu desci por esse morro *como se* <u>corresse</u>.
? Eu desci por esse morro *como* <u>corria</u>.

Note que a transformação das orações gerundiais em desenvolvidas produz orações cujo significado é problemático; mais naturais parecem ser as orações iniciadas por *sem*. No entanto, este conector, como ressaltado anteriormente, implica na alteração do significado. Parece que as orações de modo não dispõem de uma contrapartida formal como as demais relações semânticas. Interpretamos tal fato como evidência de que a codificação prototípica da relação de *modo* é o gerúndio. Sendo assim, o principal critério de König para identificação da relação semântica da oração gerundial não pôde ser utilizado em orações exprimindo a noção de modo.

Outra evidência a favor da interpretação de que a codificação prototípica da relação de *modo* se faz através do gerúndio é o fato desta forma verbal ocorrer em resposta a uma pergunta introduzida por *como* e por *de que maneira*. Os trechos abaixo são enunciados produzidos por falantes em resposta a estes elementos.

(26) E- Ah, é? ***Como* é que ele te pediu esse dinheiro emprestado?** (rindo)
F- **<u>Pedindo</u>**, porque, no dia do pagamento, não é? Aí, não é? Eu recebi, o outro recebeu, mas ele não recebeu. Aí, não é? Que ele que ía receber, no outro dia.

[Amostra Censo – Falante 19 – PEUL]

(27) (...) com as condições precárias de território... muito pequeno enfim em em moldes de produções feudais... **porque teve um início de industrialização conseguido na força... tá?... para se defender... *se defender de que maneira*? <u>atacando</u>... né?** uma das melhores formas de defender é atacar... então foi um tipo de... um RUMO do início da industrialização japonesa totalmente diferente... não houve um crescimento harmonioso... então... há muita... discussão aí entre posições opostas de que se o Japão seria uma economia ou um país desenvolvido (...)

[Elocução Formal – Inquérito 379 – NURC-RJ]

Neste sentido, poderíamos concluir que uma forma de detectar a relação semântica de *modo* em uma oração gerundial seria fazer uma pergunta utilizando os elementos citados acima. Tal procedimento mostrou-se possível, como mostram os exemplos (24) e (25), retomados abaixo.

(24) a. E a minha- e o meus filhos estão no início de vida. Por isso (est) eu não tenho a minha sogra comigo, porque antes dela arriar do jeito que ela ficou agora, sem andar, porque o primeiro, **ela andava <u>segurando</u> na gente**, então, ela ficou comigo, sabe? Eu trazia, é- eu dava banho, <tra...>- sabe? Eu fazia tudo.
[Amostra Censo – Falante 29 – PEUL]

b. Como ela andava?
Segurando na gente.

(25) a. Quando eu vi um papel, assim, na mão da moça, ah, aquilo me apavorou! Eu não esperei ela explicar o quê que tinha acontecido. **Eu desci por esse morro <u>correndo</u>**. ("e os") rapaz, calma ("garota, que") você vai cair, calma garota!
[Amostra Censo – Falante 06 – PEUL]

b. Como eu desci por esse morro?
Correndo.

Não obstante, é válido observar que este procedimento não é confiável, devido à possibilidade de algumas orações de gerúndio apresentarem mais de uma relação semântica, como podemos conferir em (28). Neste exemplo, a oração *gritando* apresenta uma noção de modo, ao mesmo tempo que expressa simultaneidade.

(28) Eu não sei! Eu sei que ele apanhou, assim, aí saiu. eu só vi cabelo. Aí eu virei, falei: "o quê que foi doutor?" Ele falou: "foi menino." **Que ela já nasceu já <u>gritando</u>**, que ela estava passando a hora de nascer. Eu tive ela no centro cirúrgico, não é, que eu ia fazer cesária. Ela estava passando da hora de nascer e tudo, aí, eles <tiv...> ela ("precisou") ("nasceu") chorando, eles saíram com ela para lá , agarrado com ela ("lá") para lá. Aí eu só vi cabelo. Aí eu perguntei ("ele") que que foi, ("acho") que ele nem viu, ele diz que foi um menino. A enfermeira que levou ela, depois voltou, <("fo-")> foi ("a") menina. (ruído) Mas ele não viu que era menina, não é, eu ri, mas ri sem graça. ("aí ele pegou") Ele me perguntou, aí eu expliquei para ele que eu queria um menino homem. (está) Mas veio uma menina, não posso fazer nada.
[Amostra Censo – Falante 11 – PEUL]

3.2.2. Algumas considerações

A partir do exame e da aplicação dos critérios de subordinação a casos do português, verificamos que a identificação da relação semântica expressa pela oração circunstancial de gerúndio no português do Brasil pode ser realizada através dos princípios apresentados por König. Apenas as relações de "*finalidade*" e *consequência* mostraram resultados duvidosos.

O principal critério para detectar a noção semântica da oração, segundo König, é transformar a cláusula gerundial em desenvolvida introduzida por elemento conector, caso a oração de gerúndio não apresente tal elemento. O conector, por possuir significação em si, auxilia na determinação do significado da oração.

As relações de *condição*, *causa* e *tempo* foram facilmente identificadas após a transformação em oração introduzida por conector. O tempo, modo e aspecto verbais da oração principal também foram úteis para a identificação da noção de *condição*. Já a iconicidade foi importante para a determinação das relações de *causa* e *tempo*, já que sua ordenação reflete o modo como os eventos ocorreram no mundo extra-linguístico.

A relação de *concessão*, apesar de verificada em apenas três casos, tampouco apresentou problemas. Na verdade, as ocorrências encontradas já incluíam elementos conectores, facilitando a identificação.

Por outro lado, as relações de *finalidade* e *consequência* mostraram-se problemáticas. Com referência à *finalidade*, a possibilidade de paráfrase por uma oração introduzida pela preposição *para* seguida de verbo no infinitivo nos permitiu considerá-las como orações gerundiais de *finalidade*, porém, de classificação duvidosa, já que algumas instâncias de circunstancial de gerúndio parecem ser orações completivas. Já a relação de *consequência* não parece apresentar um correspondente subordinado sob a forma de oração desenvolvida, sendo sua transformação por oração coordenada mais usual.

O *modo* é a relação semântica prototípica para as orações de gerúndio e estudos acerca das orações modais afirmam que estas são majoritariamente codificadas pela forma verbal no gerúndio. Estas afirmações foram corroboradas por nossos dados, já que houve dificuldade em transformar as orações de gerúndio em desenvolvidas de *modo*.

3.3. Orações circunstanciais de gerúndio: uma abordagem quantitativa

Nesta seção, apresentamos os resultados para a análise quantitativa das orações circunstanciais de gerúndio no português do Brasil, mais especificamente, na variedade do Rio de Janeiro. Como já explicitado em outra seção deste trabalho, as sequências de fala foram retiradas de entrevistas que compõem a Amostra Censo-PEUL e de inquéritos que compõem o Projeto NURC-RJ, e as escritas foram recolhidas dos jornais *Extra*, *O Povo*, *Jornal do Brasil* e *O Globo*.

Foram analisadas 148 orações de gerúndio segundo categorias linguísticas operacionalizadas como variáveis independentes.

Esta seção é estruturada da seguinte maneira. Em cada subitem, há uma introdução teórica a respeito da variável em análise, seguida de exemplos e apresentação e interpretação dos resultados.

3.3.1. Modalidade

A primeira variável a ser levada em consideração é a modalidade em virtude da sua importância na análise das demais variáveis independentes deste estudo.

Chafe (1987 *apud* BOTELHO 2005) afirma que as pessoas não escrevem da mesma maneira que falam e atesta que alguns fatores são responsáveis pelas diferenças entre

linguagem oral e linguagem escrita, como o contexto, a intenção do falante/escritor e o conteúdo do que se diz ou escreve.

Com o intuito de caracterizar essas diferenças, o autor analisou quatro tipos de produções discursivas: conversação e conferência, constituindo produções de fala, e carta e artigo acadêmico, configurando as produções de escrita.

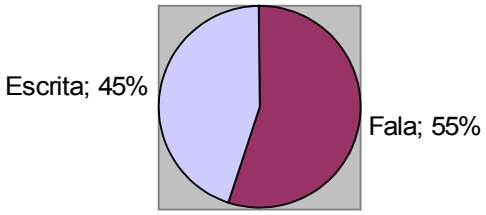
Em se tratando do modo de seleção de palavras, Chafe constatou que a escolha dos falantes é rápida, enquanto que a dos escritores é lenta, já que dispõem de mais tempo para produzi-la e revisá-la. Desta forma, a modalidade escrita tende a apresentar um vocabulário mais variado e de conveniência do escritor.

Ainda com relação à seleção de palavras, podemos verificar algumas semelhanças entre a produção de um conferencista e um escritor. Enquanto este seleciona palavras para conferir ao seu texto um caráter mais ou menos coloquial, aquele faz a mesma seleção para dar um tratamento mais ou menos formal ao seu texto.

Vilela & Koch (2001) também analisaram a diferença existente entre fala e escrita. Os autores afirmam que "os textos escritos são configurações objetivizadas, que possuem uma validade intersubjectiva" (VILELA & KOCH 2001:542). Isso significa que textos escritos apresentam o traço [–espontâneo], requerendo certo trato estilístico e gramatical. Seguindo as proposições de Vilela & Koch, textos falados apresentam o traço [+espontâneo], favorecendo adendos, quebra de estruturas e correções.

Os resultados para a distribuição das orações circunstanciais de gerúndio com relação à modalidade podem ser observados no gráfico 2.

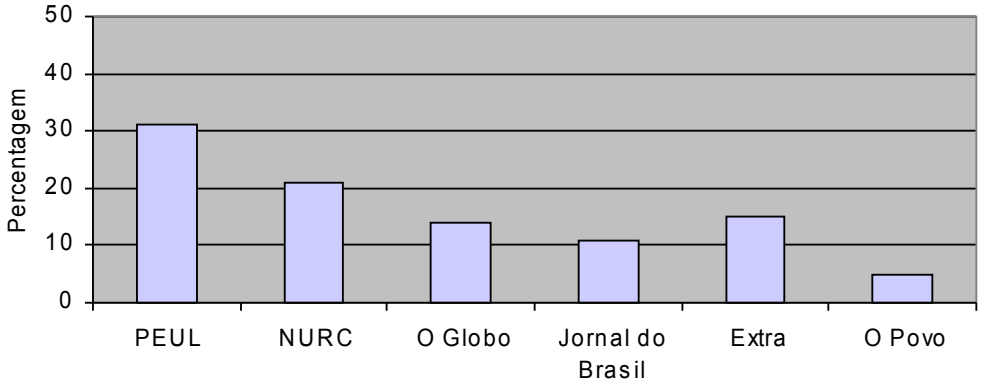
Gráfico 2: Percentagem de orações de gerúndio em relação à modalidade



Em virtude da pouca diferença entre os resultados para a modalidade falada e escrita, podemos concluir que as orações circunstanciais de gerúndio são produtivas em ambas as modalidades. Além disso, é provável que a modalidade escrita tenha apresentado um pouco menos ocorrências que a falada por conta desta última constituir uma amostra uma pouco maior que a primeira, pois foram 107.952 palavras para a amostra de fala versus 96.316 palavras para a amostra escrita.

Ao distribuir os resultados para as amostras de fala utilizadas (PEUL e NURC-RJ) e os jornais utilizados (*O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Extra* e *O Povo*), obtivemos o seguinte gráfico.

Gráfico 3: Percentagem de orações de gerúndio em relação às amostras utilizadas



A análise do gráfico nos permite constatar que, na modalidade falada, as orações de gerúndio foram um pouco mais recorrentes nas entrevistas que compõem o PEUL (46/148 – 31%) do que no NURC-RJ (32/148 – 21%). Já dentre os jornais, percebemos uma equiparação entre os jornais *Extra* (23/148 – 15%) e *O Globo* (22/148 – 14%), seguidos de

perto do *Jornal do Brasil* (17/148 – 11%). O jornal que apresentou menos orações gerundiais foi *O Povo* (8/148 – 5%).

Novamente, é provável que os resultados apresentados para os jornais tenham sido influenciados pela amostra em si, já que esta não se configurou uma amostra equilibrada. Os jornais *O Povo* e *Jornal do Brasil* constituíram palavras 33.522, enquanto que os jornais *Extra* e *O Globo* constituíram 62.316 palavras.

A sessão seguinte tratará da variável ordem da oração circunstancial de gerúndio em relação à oração matriz.

3.3.2. Posição da oração de gerúndio em relação à oração matriz

A questão da ordem tem se mostrado relevante para uma série de fenômenos, como é o caso da presença de morfemas de plural no SN (BRAGA 1977), a concordância verbal (NARO & SCHERRE 2003), e a posição das orações nas orações complexas.

Um trabalho que investigou a posição das orações nas orações complexas é o estudo de Paiva (1991) sobre as orações causais. Em sua tese de doutorado, a autora estuda as formas de ordenação das cláusulas causais e suas funções na organização do fluxo informacional. Orações causais antepostas mantêm o tópico de discurso, favorecendo a coesão discursiva, além de apresentarem informação velha. A posposição, por outro lado, propicia a ruptura tópica e a utilização de informação nova.

Paiva verificou também que a presença ou não de conectores influencia na ordenação das cláusulas. As iniciadas por *que* e, principalmente, *porque* são predominantemente pospostas. Já orações causais justapostas são menos propensas à posposição, pois não há a presença de elementos que explicitem a relação semântica expressa pela oração. Assim, é a ordem anteposta da oração que irá indicar a relação de causalidade. A posposição da cláusula

causal em enunciados de justaposição pode comprometer mais facilmente a interpretação semântica.

Há também o trabalho de Braga (1995b) que, ao analisar as orações de tempo, também levou em consideração a ordenação das orações e sua função discursiva. Orações de tempo antepostas, além de constituírem a posição não-marcada, criam a estrutura temporal para o estado de coisas a ser codificado pela oração seguinte, sinalizam uma mudança na orientação discursiva e delimitam o tópico discursivo. Orações temporais pospostas qualificam, tornam mais preciso o conteúdo proposicional codificado pela oração matriz e constituem a ordem marcada.

Neste sentido, para investigar a variável posição em relação às orações circunstanciais de gerúndio, propus três fatores, listados a seguir.

I) Oração gerundial posposta à oração matriz:

(1) [...] Aí, tive que dar o beijo direito no rapaz. Aí, corri gritando, né! [...]
[Amostra Censo – Falante 05 – PEUL]

II) Oração gerundial anteposta à oração matriz:

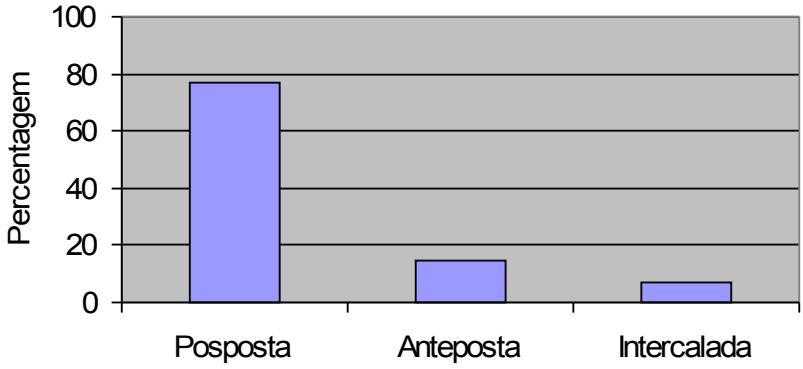
(2) Chegando a Roma, soltou o verbo, em críticas e jogos de palavras, contra o presidente Lula.
[“Sem queixas ao Bispo” – *O Globo* – 08/04/05]

III) Oração gerundial intercalada na oração matriz:

(3) Em mais de três horas de reunião, Lula argumentou que a austeridade fiscal impõe um freio ao governo. Mas, frisando que prefere a impopularidade passageira ao populismo, avisou que manterá a política econômica.
[Sem título – *O Globo* – 07/05/04]

A distribuição desta variável nos dados pode ser verificada no gráfico 4.

Gráfico 4: Posição da oração de gerúndio em relação à oração matriz



A análise do gráfico revelou que as orações circunstanciais de gerúndio ocorrem, na maioria dos casos, seguindo a oração matriz (114/148 – 77%). A posposição, portanto, constitui a posição não-marcada para as orações em questão. As posições anteposta (23/148 – 15%) e intercalada (11/148 – 7%) mostraram-se pouco produtivas para as orações gerundiais. Com resultados similares, as duas posições se contrapõem à posposição, e representam a ordem marcada.

Tanto a anteposição quanto a intercalação podem ser explicadas em termos da relação semântica expressa pela oração gerundial. As relações de condição e concessão foram verificadas apenas nestas posições, não ocorrendo na posposição. Os exemplos abaixo apresentam orações de gerúndio antepostas e intercaladas que expressam as relações de condição e concessão.

• Oração condicional anteposta

(4) [...] Então, não me perturba que sai o serviço todo. Me perturbando não sai. [...]
[Amostra Censo – Falante 14 – PEUL]

• Oração condicional intercalada

(5) Segundo ele, tomando como exemplo um Palio 1.0 2000, o seguro no Rio chega a ser 26,7% mais caro do que em Porto Alegre (RS) [...]
[“Apólices variam por bairros” – *Extra* – 04/06/03]

• Oração concessiva anteposta

(6) [...] *mesmo* adotando esse critério... que nós... aceitamos aqui... de que doze se começa a adolescência... é possível que... mesmo nessa sala... muitos de vocês tenham chegado à adolescência um pouco mais cedo... ou talvez... um pouco mais tarde [...]
[Elocução Formal – Inquérito 364 – NURC-RJ]

• Oração concessiva intercalada

(7) [...] nós não podemos nos... esquecer... de que... *embora*... rotulando-as... por uma questão de análise... de estudo... nós vamos verificar que teremos... dentro da... dimensão de médio porte... eu terei... pequenas empresas de médio porte... médias empresas de médio porte... e grandes empresas de médio porte [...]
[Elocução Formal – Inquérito 364 – NURC-RJ]

Os resultados para a relação semântica de condição corroboram a ordem não-marcada para orações condicionais. Neves (2000) afirma que a anteposição é a ordem não-marcada para tais orações, já que elas se dispõem na oração matriz segundo um princípio de iconicidade (as condicionantes – prótase – precedem as condicionadas – apódose).

Já a relação de concessão apresentou comportamento oposto ao esperado. De acordo com Neves (2000), orações concessivas podem ocorrer pospostas, antepostas e intercaladas à oração matriz, porém a posposição é a ordem mais frequente. Para a autora, "orações concessivas antepostas carregam informação mais conhecida do interlocutor, ocupando uma posição mais tópica" (*ibidem*, p. 878). Nos dados analisados, encontramos dois casos de oração gerundial concessiva anteposta e uma intercalada. Abaixo, apresentamos um exemplo de concessiva anteposta.

(8) [...] Quer dizer, ("quis ver não.") o brasileiro [mesmo]- **mesmo não sabendo muito, ele conseguiu inventar um-** (está) (inint) E aí esse <negócio> do bujão de gás no (hes) automóvel, (está) num instante o brasileiro conseguiu [...]
[Amostra Censo – Falante 08 – PEUL]

Com referência à relação semântica de *tempo*, verificamos, conforme sustenta König, que orações temporais estabelecem relação com o mundo extra-liguístico. Assim, a

anteposição foi favorecida em orações exprimindo ações que antecedem uma ação expressa pela oração principal (exemplo (9)), enquanto orações exprimindo ações simultâneas a outras privilegiaram a posposição (exemplo (10)).

(9) [...] Professora Sandra Ribeiro da Costa- (riso f) eu tive tanto ódio. Dela- **então, eu <u>pegando</u> assim o Jornal do Brasil, <u>olhando</u> o Jornal do Brasil, eu vi o desenho de uma mulher gorda**. Então, pelo desenho do jornal, dessa mulher gorda, eu fiz ela. Com raiva dela, fiz e dali, peguei a máquina de "xerox", tirei uma porção de "xerox", saí espalhando, botando um montão (hes) de besteira escrita e desabafei. ela achou engraçado na hora, porque descobriu (riso) Que foi eu. E ficamos amigo e eu descobri que eu sabia pintar. (est) [...]

[Amostra Censo – Falante 42 – PEUL]

(10) Nesse ponto, Alessandra não se identifica muito com a sua personagem. A atriz não abusa das cores em seu rosto no dia-a-dia e, para manter o corpo, malha apenas uma hora cada vez que vai à academia (e isso só acontece três vezes por semana). Durante a gravidez de Betina, engordou 12 quilos, que perdeu logo na primeira semana após o parto. Mas ela não passa aperto com a balança, senão não entraria de cabeça nas novas delícias a que foi apresentada pelo pernambucano Otto:
— Eu aprendi a comer coisas que nunca imaginei: dobradinha, bode, cordeiro... Lá em casa nunca falta farinha na mesa — **diz, <u>rindo</u>**.

["Musa da telona" – *Extra* – 12/06/05]

Vale ressaltar que, como Simões (2007) sustenta em sua tese de doutorado, consideramos as orações de gerúndio que exprimem tempo posterior a outro como estruturas coordenadas de adição e, por isso, não foram levadas em consideração nesta análise.

Com vistas a verificar o efeito da modalidade em relação à posição das orações, cruzamos essas duas variáveis. Os resultados são apresentados na seguinte tabela.

Tabela 1: Cruzamento entre os resultados para posição da oração de gerúndio e modalidade

	Posposta	Anteposta	Intercalada	Total
PEUL	34 – 73%	11 – 23%	1 – 2%	46
NURC-RJ	22 – 68%	5 – 15%	5 – 15%	32
O Globo	20 – 90%	1 – 4%	1 – 4%	22
Jornal do Brasil	14 – 82%	1 – 5%	2 – 11%	17
Extra	18 – 78%	3 – 13%	2 – 8%	23
O Povo	6 – 75%	2 – 25%	–	8

A análise da tabela revela que para todas as posições, as orações de gerúndio foram mais produtivas na fala do que na escrita. Com relação a intercalação, era de se esperar que fossem mais produtivas na modalidade escrita, visto que os textos escritos utilizados nesta pesquisa (gênero reportagem) apresentam o traço [–espontâneo], requerendo certo trato estilístico e gramatical, o que favoreceria a intercalação. No entanto, os resultados não corroboraram esta hipótese, já que orações gerundiais intercaladas constituíram 6 ocorrências na fala contra 5 ocorrências na escrita. Abaixo são apresentadas as cinco ocorrências de orações de gerúndio intercaladas na modalidade escrita.

(11) Mas, fazendo algumas concessões à linguagem e ao estilo do autor, o leitor pode se divertir um bocado diante de um dos grandes clássicos da história dos policiais.
["O Gentil Ladrão de Leitores" – *Jornal do Brasi*l – 11/09/05]

(12) Segundo ele, tomando como exemplo um Palio 1.0 2000, o seguro no Rio chega a ser 26,7% mais caro do que em Porto Alegre (RS), 56,7% em relação a Curitiba (PR) e 85,6% para Belo Horizonte (MG).
["Apólices variam por bairros" – *Extra* – 04/06/03]

(13) Outra infração comum na mesma rua é o guardador credenciado fazer serviço de manobrista, inclusive guardando as chaves do carro, o que não seria permitido.
["Território livre para bandalhas" – *Jornal do Brasil* – 22/11/05]

(14) Em mais de três horas de reunião, Lula argumentou que a austeridade fiscal impõe um freio ao governo. Mas, frisando que prefere a impopularidade passageira ao populismo, avisou que manterá a política econômica.
[Sem título – *O Globo* – 07/05/04]

(15) No fim, olhando em direção à porta de saída, vejo o senhor indiano, que dobra alguns guardanapos – deve ser dono do restaurante, penso.
["Onde está W Allen" – *Extra* – 12/06/05]

Com relação à modalidade falada, a análise dos dados indica que a posição intercalada foi propiciada por uma característica inerente à fala. Se textos escritos apresentam o traço [–espontâneo], textos falados em geral apresentam o traço [+espontâneo], favorecendo divagações, retomadas e adendos, mesmo nas amostras do NURC-RJ. De fato, os exemplos

abaixo apresentam orações intercaladas de gerúndio muito parecidas a adendos, a uma informação extra adicionada após o início da produção da sentença.

(16) [...] Ela, aí, de joelhos, se arrastando, abriu o elevador, só tinha, na época, eu e uma senhora aqui de baixo, (est) do apartamento cento e um, e ela bateu lá na senhora e a-elas ligaram para polícia [...]

[Amostra Censo – Falante 29 – PEUL]

(17) [...] é... exatamente... formar uma equipe... através de... hã... uma... permanente pesquisa em BUSCA de... homens capazes... de... formando uma equipe... levar uma empresa a atingir os seus reais objetivos... e eu perguntaria a vocês o seguinte... esse tipo... de busca... de pesquisa... a formação da equipe [...]

[Elocução Formal – Inquérito 364 – NURC-RJ]

(18) [...] a concentração em MOLES... exprime em equivalente... como podia ser em abóbora... banana e abacate... se... laranja... abóbora e abacate... FOSSEM... conceitos químicos... então... se vocês são capazes de... conhecendo os jovens... saber quantos braços ele tem... sei lá se tem dois... quantas pernas... ele podia ser perneta ((risos))... () então pode variar o número de braços por pessoa... ou de pernas... mas se você conhece a pessoa especificamente... no caso se nós conhecemos a molécula especificamente... se eu sei que é a molécula do H3PO4 [...]

[Elocução Formal – Inquérito 251 – NURC-RJ]

(19) [...] o Samir... o... o Samir Curi Messerani... que é o autor de uma série didática chamada "Criatividade"... que eu acho excelente... visando ao ensino de redação... ele diz... não adianta nós lutarmos contra os meios de comunicação de massa... porque... se nós não o... os colocarmos nos livros... nós estaremos fora da realidade dos alunos... porque os... eles já entraram no aluno [...]

[Elocução Formal – Inquérito 356 – NURC-RJ]

Uma vez considerada a variável posição, passamos a análise do grupo de fator transitividade da oração matriz.

3.3.3. Transitividade da oração matriz

Como verificado na seção 3.1, as restrições à aplicação dos critérios de Haspelmath indicam que as orações de gerúndio são sensíveis a certas propriedades sintáticas, como o tipo de oração à qual a de gerúndio se vincula. Além disso, de acordo com a NGB as orações de

gerúndio caracterizam-se por não apresentarem nenhum tipo de conector ao se relacionarem com suas respectivas orações matriz. São a contraparte reduzida das orações desenvolvidas correspondentes. Neste sentido, a transitividade da oração matriz é de grande importância para a identificação do estatuto categorial de um segmento constituído por um verbo no gerúndio, já que o mesmo poderia funcionar ou como uma oração (cf. exemplo (1)) ou parte de uma perífrase verbal (cf. exemplo (1')).

(1) É de chorar de rir a história do Edílson, que continua a desafiar toda a banca da nova comissão técnica e da fiava diretoria do Flamengo, **dando bananas, fazendo caretas e brandindo os seus direitos**. Férias são trinta dias, jamais dezoito, dez ou vinte. Trinta! E estamos conversados. A não que paguem a diferença. Pagam? Não?! Então que aguardem sentados.

["Limpando o ninho" – *Extra* – 10/01/04]

(1') Então, quer dizer, a gente ficou de prontidão para evitar isso. Quando houve necessidade, a gente foi para lá para cima. **Aí ficamos formando uma fileira lá**, o cara querendo entrar, eu falei: "meu amigo, não pode entrar, não." ele: "não pode entrar por quê"?

[Amostra Censo – Falante 15 – PEUL]

Assim, analisa-se aqui a transitividade da oração matriz à qual se vincula a oração gerundial.

Para a gramática tradicional, a transitividade é uma propriedade dos verbos, já que se refere à transferência de uma atividade de um agente para um paciente. Há, assim, verbos intransitivos, cuja compreensão está contida no verbo que não requer, portanto, um complemento, e verbos transitivos, cuja compreensão requer a presença de certos elementos (objeto direto e objeto indireto).

Já segundo Halliday (1994), a determinação da transitividade é centrada no processo, o qual por sua vez é integrado por três componentes: o processo em si, os participantes envolvidos com o processo e a circunstância deste processo. Circunstâncias, processos e participantes são categorias semânticas que explicam – de modo geral – como os fenômenos

do mundo real são representados pelas estruturas lingüísticas. De acordo com o autor, as orações representam padrões de experiência que podem ser reunidos em três grupos baseados em experiências humanas relacionadas ao ser, sentir e fazer. Essas experiências são codificadas pela transitividade e correspondem aos processos em si. Halliday identifica seis deles, a saber: *relacional*, *mental*, *material*, *comportamental*, *verbal* e *existencial*[14].

Para Hopper e Thompson (1980 *apud* CUNHA, COSTA & CEZARIO 2003), a transitividade é entendida como contínua, escalar; não é apenas o verbo que é transitivo, mas toda a sentença. Os autores apresentam dez parâmetros sintático-semânticos independentes. A posição de um verbo ou de uma oração na escala de transitividade depende do número e do tipo de traços que a integram. Os dez parâmetros apresentados por Hopper e Thompson estão reproduzidos abaixo.

Quadro 3: Componentes considerados em relação à transitividade

	Transitividade alta	Transitividade baixa
1. Participantes	dois ou mais	um
2. Cinese	ação	não-ação
3. Aspecto do verbo	perfectivo	não perfectivo
4. Punctualidade do verbo	pontual	não-pontual
5. Intencionalidade do sujeito	intencional	não-intencional
6. Polaridade da oração	afirmativa	negativa
7. Modalidade da oração	modo *realis*	modo *irrealis*
8. Agentividade do sujeito	agentivo	não-agentivo
9. Afetamento do objeto	afetado	não-afetado
10. Individuação do objeto	individualizado	não-individualizado

[HOPPER & THOMPSON 1980 *apud* CUNHA, COSTA & CEZARIO 2003:37]

Para nosso estudo, entretanto, nos valemos das propostas da gramática tradicional. Neste sentido, para a análise do efeito da variável transitividade da oração principal a qual a oração circunstancial de gerúndio se vincula, propusemos os seguintes fatores:

[14] Os processos serão tratados mais detalhadamente na seção 3.3.4.

I) Orações matriz intransitivas, com ou sem adjunto:

(2) Mas a mulher rebola, anda *rebolando* ("igual") garota.
[Amostra Censo – Falante 06 – PEUL]

II) Orações matriz transitivas com argumento interno realizado

(3) [...] os ladrões entraram a pé no condomínio, pela Rua Itajuru, e invadiram a casa *pulando o muro de cerca de seis metros*.
["Ex-caseiro assalta antigos patrões na Barra" – *O Globo* – 08/09/04]

III) Orações matriz transitivas sem argumento interno realizado

(4) [...] ela tem como objetivo produzir e no caso de economias... capitalistas... produzir *criando excedentes... criando lucros* pra crescer etc. etc [...]
[Elocução Formal – Inquérito 379 – NURC-RJ]

IV) Orações matriz com verbo de ligação

(5) O objetivo do projeto é deixar o código de trânsito mais justo, *criando uma faixa intermediária de punição.*
["Uma desacelerada nas multas" – *Extra* – 05/01/04]

Os resultados para a transitividade da oração principal vinculada à oração de gerúndio podem ser verificados no quadro abaixo.

Quadro 4: Transitividade da oração matriz

Transitividade	N – %
Oração intransitiva	48 – 32%
Oração transitiva com argumento realizado	78 – 52%
Oração transitiva sem argumento realizado	19 – 12%
Oração cópula	3 – 2%
TOTAL	148

A análise do quadro revela resultados diferentes dos esperados. Acreditava-se que orações de gerúndio estariam vinculadas a orações intransitivas e transitivas sem argumento interno realizado. Entretanto, o quadro mostra que a transitividade não-marcada é representada pelas orações principais transitivas com argumento realizado. A explicitação do argumento interno não deixa dúvidas quanto ao estatuto oracional do segmento que contém a

forma gerundial. Um outro fator relevante inclui as orações principais intransitivas. Por não necessitarem de argumento interno, orações intransitivas igualmente não deixam dúvidas quanto ao estatuto oracional do segmento que contém a forma verbal no gerúndio. Orações transitivas sem argumento interno realizado figuram na terceira colocação, com orações com verbo de ligação configurando as menos produtivas. Os resultados para estas últimas, inclusive, são pouco confiáveis, sendo, portanto, postos de lado na análise.

Com vistas a investigar a correlação entre a posição da oração de gerúndio em relação à sua oração matriz e a transitividade desta, cruzamos os dados para essas duas variáveis. Os resultados são apresentados a seguir.

Tabela 2: Transitividade da oração matriz em relação à posição da oração de gerúndio

	Posposta	Anteposta	Intercalada	Total
Oração intransitiva	**41 – 85%**	**6 – 12%**	1 – 2%	48
Oração transitiva com argumento realizado	**54 – 69%**	**15 – 19%**	**9 – 11%**	78
Oração transitiva sem argumento realizado	**18 – 94%**	1 – 5%	–	19
Oração com verbo de ligação	1 – 33%	1 – 33%	1 – 33%	3

O exame da tabela revela que há semelhança entre os resultados das orações intransitivas e transitivas sem argumento realizado. Ambas apresentam maior número de ocorrências na posposição, seguida da anteposição e em último a intercalação. Atendo-nos somente a células confiáveis, verificamos que a oração transitiva com argumento realizado é a única a apresentar resultados significativos para as três posições.

O estudo mais detalhado da tabela indica que a posposição é a que apresenta o maior número de células confiáveis, com a anteposição e a intercalação restringindo cada vez mais o número de células confiáveis. A oração transitiva com argumento interno realizado permite a

presença da oração de gerúndio em todas as posições, enquanto que a oração intransitiva permite orações de gerúndio pospostas e antepostas, e orações transitivas sem argumento interno realizado permite apenas a posposição da circunstancial gerundial. Os exemplos (6), (7) e (8) abaixo mostram as ocorrências de orações transitivas com argumento realizado pospostas, antepostas e intercaladas, respectivamente.

(6) A situação preocupante da economia oferece hoje às mulheres a oportunidade de retomar bandeiras erguidas com sucesso em outros tempos contra a inflação e em defesa do controle de preços. Ainda mais: **devemos nos posicionar de forma determinada contra a corrupção e em defesa da aplicação correta dos recursos públicos, valorizando o bom desempenho de prefeitas de diversos partidos**.
["Perdas e ganhos" – *Jornal do Brasil* – 08/03/04]

(7) F- [Não viu] Santos Dumont, coitado, ("saiu") daqui para ir para França para fazer o avião?
E- ("ah,") É. É verdade.
F- Quer dizer, ("quis ver não.") o brasileiro [mesmo]- **mesmo não sabendo muito, ele conseguiu inventar um**- (está) (inint) E aí esse <negócio> do bujão de gás no (hes) automóvel, (está) num instante o brasileiro conseguiu, fazer errado, porque eles não fazem aquilo conforme tem que ser feito. Então, começa [a]- a explodir. (est) Sabe que dá certo. ("Porque") brasileiro descobriu que aquilo dá certo.
[Amostra Censo – Falante 08 – PEUL]

(8) [...] Disse. "Então, nós vamos te amarrar e nós já voltamos, agora mesmo, nós voltamos para- nós vamos apanhar uma ferramenta para arrombar a porta." Tiraram a alça da capanga de um deles e fingiram que iam amarrar a perna da menina, não é? E desceram. **Ela, aí, de joelhos, se arrastando, abriu o elevador**, só tinha, na época, eu e uma senhora aqui de baixo, (est) do apartamento cento e um, e ela bateu lá na senhora e a- elas ligaram para polícia e quando chegou, eles já tinham ido embora. Quer dizer, a segurança (rindo) não tem nenhuma. (f) Nos mesmo já <sa...>- (riso f) aí depois resolveram, colocaram o porteiro eletrônico, [mas não- vive aberta.]
[Amostra Censo – Falante 29 – PEUL]

Se, por outro lado, levarmos a modalidade em consideração, temos a seguinte tabela.

Tabela 3: Transitividade da oração matriz em relação à modalidade

	Fala	Escrita	Total
Oração intransitiva	**33 – 69%**	**15 – 31%**	48

Oração transitiva com argumento realizado	**29 – 38%**	**49 – 62%**	78
Oração transitiva sem argumento realizado	**15 – 80%**	4 – 20%	19
Oração com verbo de ligação	1 – 33%	2 – 66%	3

A análise da tabela mostra uma interessante distribuição. Orações intransitivas e transitivas sem argumento realizado apresentam comportamento semelhante, enquanto que orações transitivas com argumento interno realizado se comportam de forma diferente. Estas são ligeiramente mais produtivas na modalidade escrita, enquanto que aquelas são mais frequentes na modalidade falada. Tal diferença mostrou-se surpreendente, uma vez que as circunstanciais de gerúndio são mais frequentes na fala, conforme apresentamos na seção 3.3.1.

A fim de explicar o comportamento diferenciado das orações transitivas com argumento interno realizado, distribuímos os resultados para as amostras de fala e escrita utilizadas, como mostra a tabela 4.

Tabela 4: Cruzamento entre os resultados para transitividade da oração matriz e amostras utilizadas

	Oração intransitiva	Oração transitiva com argumento realizado	Oração transitiva sem argumento realizado	Oração com verbo de ligação	Total
PEUL	**28 – 60%**	**11 – 23%**	**7 – 15%**	–	46

NURC-RJ	**5 – 15%**	**18 – 56%**	**8 – 25%**	1 – 3%	32
Jornal do Brasil	2 – 11%	**13 – 76%**	2 – 11%	–	17
O Globo	**7 – 31%**	**15 – 68%**	–	–	22
Extra	5 – 21%	**14 – 60%**	2 – 8%	2 – 8%	23
O Povo	1 – 12%	**7 – 87%**	–	–	8

O exame da tabela mostra que em orações intransitivas encontramos células confiáveis apenas nas amostras de fala. Estas orações foram mais recorrentes no PEUL, enquanto que as transitivas com argumento interno realizado apresentaram certa regularidade, sendo ligeiramente mais produtivas na amostra NURC-RJ. Orações transitivas sem argumento realizado foram largamente mais encontradas nas duas amostras de fala, não sendo identificada nenhuma ocorrência nos jornais *O Globo* e *O Povo*.

Feita a apreciação da transitividade da oração matriz, a seção seguinte apresenta os resultados para a semântica dos verbos da oração de gerúndio e da principal.

3.3.4. Semântica do verbo

Com relação à semântica do verbo foram levados em consideração os tipos propostos por Halliday (1994). De acordo com o autor, as orações representam padrões de experiência e podem ser reunidas em três grupos baseados em experiências humanas relacionadas ao ser, sentir e fazer. O três tipos principais de verbo são, portanto, o *relacional*, o *mental* e o *material*. Halliday acrescenta ainda processos que se localizam entre estes três tipos principais, o *comportamental*, o *verbal* e o *existencial*.

Basicamente, o processo *material* engloba os processos de "fazer", isto é, há um elemento ator (animado, na maioria dos casos) que faz alguma coisa. A oração pode apresentar dois participantes ("o leão atacou o turista") ou apenas um participante ("o leão

correu”). É importante ressaltar que processos materiais não se limitam a ações concretas, podendo se referir a ações mais abstratas (“o prefeito renunciou” ou “o prefeito dissolveu o comitê”). Podemos conferir este tipo verbal nos exemplos abaixo retirados de nossos dados, tanto na oração matriz quanto na oração de gerúndio.

• Oração matriz

(1) F- É, meu pai é naturalizado brasileiro pelo seguinte: ó, o meu pai, ele veio aqui para o Brasil, ele veio para São Paulo, para casa de um primo dele. Então, (“o”) meu pai chegou aqui, em mil novecentos e vinte e nove, ele tinha dezoito ano, certo? (“O”) meu pai. **Então ele <u>foi trabalhar</u>, é, *vendendo* jornal nos trem, lá em São Paulo**, junto com uns italianos. E depois então o meu pai começou aprender a profissão de trabalhar em obra, pedreiro. Começou como servente, depois passou a pedreiro, então depois ele veio aqui para o Rio de Janeiro e já trabalhava de pedreiro, já era um- praticamente um oficial de pedreiro, certo?

[Amostra Censo – Falante 07 – PEUL]

• Oração de gerúndio

(2) O crime foi por volta das 22h. **O ex-policial militar Nazareno Alves Souza, segurança de Mazinho, chegou à Rua Miguel Santos, na localidade de Agulhas Negras, <u>atirando</u> com uma submetralhadora Uru**. Ele usava uma touca ninja e colete à prova de balas. O soldado do grupamento de policiamento do Complexo de Bangu Alan Moreira da Silva, outros dois PMs identificados como sargento Chagas e Russo, que seria do Getam, e o soldado Mendes, que seria bombeiro, estavam na cobertura.

[“Farda manchada” – *Extra* – 23/04/2005]

Processos *mentais*, por outro lado, são processos de “sentir”, pois estão relacionados a processos internos, ao que ocorre dentro de cada indivíduo. Assim, um participante sempre será humano nestes processos, como conferimos nos exemplos.

• Oração matriz

(3) Sem câmera na mão, mas com muitas idéias na cabeça, Jocemir ensina a eles o que aprendeu numa escola de cinema em Cuba. Para. muitos alunos, foi o primeiro contato com a tela grande: – **<u>Sinto</u>-me realizado *mostrando* que existe uma vida diferente fora da favela**. Jocemir, que participou do extinto projeto social Fábrica de Esperança, nos anos 90, passou pouco mais de um ano na terra de Fidel Castro, após ganhar uma bolsa de estudos.

[“Acari: luz, câmera e esperança na vida” – *Extra* – 24/05/05]

• Oração de gerúndio

(4) Carro, todos eles são perigoso. Isso depende muito da pessoa que está dirigindo, entendeu? Porque o carro tem uma coisa: a pessoa, quando entra dentro de um carro, ele tem que ser consciente, saber o que está fazendo. Correr, isso é o de menos. **Mas correr <u>sabendo</u> que está correndo, <u>sabendo</u> o que vai fazer**. Tem pessoa que corre aí, não sabe! Está pensando que (hes) andar muito é bonito. Chega na primeira esquina lá, ele se acaba. Então não adianta.

[Amostra Censo – Falante 25 – PEUL]

Os processos *relacionais* são processos de "ser", como em "Sarah é inteligente" e "Tom é o líder". Nestes processos, estabelece-se uma relação entre duas entidades. Pode-se tanto atribuir uma determinada qualidade ao sujeito (modo atributivo), quanto uma identidade (modo identificador). Verbos com semântica de posse integram este processo. Os exemplos (5) e (6) ilustram este tipo verbal.

• Oração matriz

(5) Está bem. As soluções, às vezes, careciam de uma maior lógica ou engenhosidade. Diante dos romances atuais, repletos de detalhes técnicos destinados a dar mais "veracidade" às tramas, as mirabolantes aventuras de Lupin nos deixam com a sensação de estarmos diante das histórias estreladas pelo mágico Mandrake. Mas, criado em 1905 pelo francês Maurice Leblanc, **Arsène Lupin, le gentleman cambriouler, <u>tem</u> aval de sobra para um lugar de honra na galeria dos livros policiais, *chegando* este ano a um centenário com direito a comemorações na França**. Além do mais, ficção não tem a obrigação de ser tese de doutorado, manual de instruções ou apostila de física. A proposta era entreter e isso, Leblanc conseguia, transportando seus leitores, com muito charme, a uma França da virada do século XX.

["O Gentil Ladrão de Leitores" – *Jornal do Brasil* – 11/09/05]

• Oração de gerúndio

(6) Porque ela a gente, através do (hes)- do ensinamento- a gente não precisa ter dom. É através de ensinamentos que a gente (hes) ganha um ("solitário"), que transmite a luz divina. quer dizer, se tem uma pessoa doente, eu vou lá, ministro o jorei, porque a doença é um estado de espírito, e o jorei é para o espírito, tratamento espiritual, que **a pessoa <u>estando</u> com o espírito forte, a pessoa não tem doença** porque a proposta da

messiânica é terminar com a doença, a miséria e o conflito. Quer dizer, **o espírito <u>estando</u> bem, isso tudo termina para a pessoa**.

[Amostra Censo – Falante 35 – PEUL]

Os processos *comportamentais* compartilham características de processos *materiais* e *mentais*, pois há um participante consciente que se comporta como nos processos *mentais*, mas o processo em si é gramaticalmente parecido com o *material*. São processos tipicamente humanos, como conferimos em (7) e (8) abaixo.

• Oração matriz

(7) que ele começava a sentir falta de ar e ficava gelado, então tinha que tirar a roupa dele e botar numa toalha bem gelada, enrolar e levar para o hospital correndo, porque senão- aí ele começou a passar mal, não é? Aí meu pai- mesmo nessa casa aí mesmo. **Aí meu pai** <f->- **<u>levantou</u>** ***correndo***, foi lá , arrumou o carro; o carro não queria pegar. Aí enquanto o carro não queria pegar, aí os cara foram lá , assaltaram ele. Aí, meu irmão estava lá dentro, sei que ele entrou, voltou correndo, ainda pegou meu irmão, levou no hospital, depois que ele foi: "Ah!" depois que ele foi contar para minha mãe que tinha sido assaltado. Acho que era três horas da manhã, ou mais, quatro hora; não lembro, não.

[Amostra Censo – Falante 61 – PEUL]

• Oração de gerúndio

(8) Trinta e cinco pessoas ficaram feridas sem gravidade. Meia hora depois, um caminhão que transportava material de construção bateu na traseira de outro caminhão, no mesmo local. **O motorista se distraiu <u>observando</u> a queda do microônibus e não conseguiu frear a tempo**.

["Acidentes ferem 35" – *O Povo* – 07/01/04]

Os processos *verbais* são processos de "dizer", podendo expandir-se para qualquer troca simbólica de significado, como em "o relógio diz que são dez horas". Ilustramos este tipo com os exemplos (9) e (10) abaixo.

• Oração matriz

(9) F- Mas ("dessa") parte do nordestino vou te falar o sotaque mais assim que se perturba um pouco é o cearense. **Ele <u>fala</u> *cantando***, não é? (est) (inint) (imitando) "Oh, mãe." Ele diz: "oh, mãe, oh, mãe, eu posso comer isso, mãe?" (riso de e) E usam muito a palavra "inté". E às vezes para falar um vamos dizer, eu vou lhe falar um pouco para

você ver quantas vezes eu vou falar essa palavra "até". (est) Porque ela há muita é "inté", mas uma (inint) dizia "até", não é? (imitando) "oh, mãe, eu até posso comer isso, mãe?" E a mãe dizia: "pode, filho.

[Amostra Censo – Falante 46 – PEUL]

• Oração de gerúndio

(10) E- E mesmo?! e o quê que eles falavam, assim, para você, os policiais?
F- Ah, eles perguntaram- **chegaram aqui <u>perguntando</u> o que eu fazia**, o que não sei o quê (inint): "o que que você faz, garotão?" eu falei: "faço nada." "Trabalha?". Eu falei: "não." (tosse f) "Estuda?", eu falei: "larguei." aí ele olhou para minha cara que- "tu rouba? é ladrão?" eu falei: graças a deus não."

[Amostra Censo – Falante 21 – PEUL]

Já os processos *existenciais* representam algo que existe ou acontece, como em "havia um porco" e "parece haver um problema". Não houve ocorrências deste tipo em nossos dados, como verificaremos a seguir.

Halliday comenta ainda a existência de *processos meteorológicos*, utilizados para descrever fenômenos da natureza, como em "está chovendo". O exemplo (11) apresenta a única ocorrência deste tipo em nossos dados.

(11) Já viu por acaso alguma vez o raio verde? Quem primeiro chamou atenção para ele foi um explorador inglês, George Back, no diário de sua viagem ao Círculo Ártico, em 1827. O raio verde é um fenômeno de refração atmosférica que se observa, quando menos se espera, no pôr-do-sol, ao nível do mar, durante dois ou três segundos. É preciso que a tarde seja clara, transparente, sem bruma. **Quando o disco solar <u>mergulha</u> no horizonte marinho, *deixando* à mostra só uma estreita linha de fogo, prestes a se apagar**, vê-se nesse exato momento um clarão verde que brilha sobre a face das águas como uma esmeralda.

["Como esses primitivos" – *Jornal do Brasil* – 02/06/03]

O quadro 5 abaixo relaciona os tipos semânticos de verbos apresentados por Halliday e adotados nesta análise, juntamente com alguns exemplos de verbos.

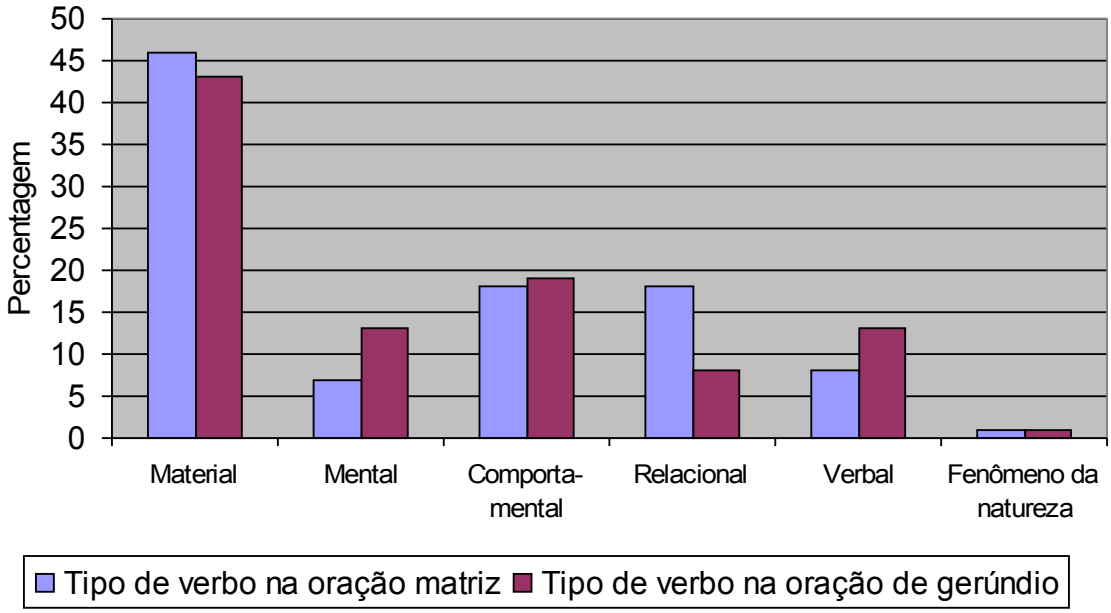
Quadro 5: Exemplos de verbos para cada tipo semântico

TIPOS SEMÂNTICOS DE VERBOS	EXEMPLOS
Material	fazer, atacar, cozinhar
Mental	gostar, pensar, entender

Relacional	ser, estar, ter, possuir
Comportamental	olhar, sonhar, chorar, bocejar
Verbal	dizer, mandar, reclamar
Existencial	ser, existir, ocorrer
Fenômeno da natureza	chover, nevar

Vale ressaltar que em perífrases verbais, nos atemos à semântica do verbo auxiliado. Os resultados para o tipo de verbo encontrado nas orações principais vinculadas a orações circunstanciais de gerúndio podem ser verificados no gráfico abaixo.

Gráfico 5: Semântica do verbo



Com relação aos verbos de processo *material* e *comportamental*, as percentagens para tipo semântico do verbo na oração principal e na oração de gerúndio são quase iguais. O estudo do gráfico mostra que o tipo de verbo mais produtivo nas orações matriz é o *material* (69/148 – 46%), seguido de *comportamental* (28/148 – 18%) e *relacional* (27/148 – 18%). Como orações de gerúndio são prototipicamente modais, é natural que elas se vinculem a orações cujo verbo expresse processo material. O mesmo pode ser aplicado aos verbos das orações gerundiais. Por denotarem normalmente o modo como os eventos ocorrem, o

processo mais recorrente também foi o *material* (65/148 – 43%). O segundo tipo de verbo mais frequente nas cláusulas de gerúndio é o *comportamental* (29/148 – 19%). Em seguida, há os tipos *mental* (20/148 – 13%) e *verbal* (20/148 – 13%). Assim, apesar da ligeira diferença para os tipos de verbo que constituem os terceiros mais frequentes, a oração de gerúndio e a matriz apresentam comportamento paralelo no que diz respeito ao grupo de fator em questão.

Sendo assim, o tipo semântico não-marcado para cláusulas de gerúndio e sua principal é o *material*, corroborando o que se esperava que ocorresse. A seção seguinte diz respeito à correferencialidade dos sujeitos das duas orações (de gerúndio e principal) e à explicitude do sujeito da oração gerundial.

3.3.5. Correferencialidade do sujeito e Explicitude do sujeito

De acordo com Haspelmath (1995), as análises tradicionais tendem a classificar um segmento como oracional pela presença de um verbo finito. Assim, orações não-finitas são, muitas vezes chamadas de "construções" ou "sintagmas". Para o autor, tais denominações parecem ser influenciadas pelo fato de orações *converbiais* normalmente não explicitarem o sujeito. Entretanto, são vários os exemplos de línguas em que o sujeito de uma oração não-finita vem expresso explicitamente.

Desta forma, esta seção é dedicada a apresentar o comportamento das orações circunstanciais de gerúndio em relação à explicitude dos sujeitos das orações gerundial e principal, e em relação à correferencialidade dos sujeitos das duas cláusulas. Abaixo, alguns exemplos.

• Sujeito realizado:

(1) O BNH, que justamente- aonde tem mais evolução, é mais evoluído, não é? ("Você vê") que ("ali")- que tinha aqui na- de frente ("ali"), dá a impressão que isso aqui é uma coisa completamente abandonada. Mas ele não é. [justamente] **O senhor <u>andando</u> é que o senhor vai ver** que as ruas têm- ("bom"), o BNH que é movimentado, não é? em geral, a gente ia ali. tem também no outro lado, tem da escola- tem um ginásio, escola estadual, não é? Ginásio. Tem- não é? Temos a- o orfanato, onde tem <a->- aquelas planície, que dá uma vista muito movimentada para a estrada.

[Amostra Censo – Falante 32 – PEUL]

• Sujeito não-realizado:

(2) (...) eu sabia que a lei dizia que eu não poderia trabalhar horas extraordinárias...sem que eu tivesse... uma... com-pen-sa-ção por aquele trabalho extraordinário... **eu fui à justiça ø <u>querendo</u>**... e postulei uma ação contra o meu empregador... para que ele fosse... para que fosse declarado o meu direito àquelas horas extraordinárias... e a justiça veio reconhecer o meu direito... mandando-o pagar... as importâncias que seriam devidas como compensação (...)

[Elocução Formal – Inquérito 341 – NURC-RJ]

Os resultados da análise das orações gerundiais em relação à explicitude e correferencialidade do sujeito podem ser verificados na tabela abaixo.

Tabela 5: Cruzamento entre os resultados para correferencialidade e explicitude do sujeito

	Sujeito [+correferencial]	Sujeito [–correferencial]	Total
Explícito	7 – 88%	1 – 11%	8
Não-explícito	137 – 100%	–	137

A análise da tabela revela que as orações gerundiais tendem a não explicitar o sujeito (137/148 – 94%) e apresentam o mesmo sujeito da oração matriz, corroborando a premissa de Haspelmath de que orações de gerúndio apresentam sujeito correferencial com o da oração principal à qual está vinculada, podendo ficar implícito. Já os resultados para sujeito explícito mostraram-se intrigantes. Esperava-se que o sujeito da oração de gerúndio viesse explícito quando fosse diferente do sujeito da oração matriz, o que de fato não ocorreu. Novamente, as

propriedades apresentadas por Haspelmath para os converbs são confirmadas em nossos resultados. Abaixo, podemos verificar alguns exemplos.

• Sujeito [+ correferencial] e não-explícito

(3) Amber Mason passeava montada em Ningnong num resort na ilha de Phuket, quando as ondas invadiram a praia. As águas avançavam e **mesmo submerso até os ombros o elefante conseguiu seguir até uma colina, ø <u>levando</u> Amber com ele**.

["Elefante salva menina" – *O Globo* – 12/01/05]

• Sujeito [+correferencial] e explícito

(4) Professora Sandra Ribeiro da Costa- (riso f) eu tive tanto ódio. Dela- **então, eu <u>pegando</u> assim o Jornal do Brasil, <u>olhando</u> o Jornal do Brasil, eu vi o desenho de uma mulher gorda**. Então, pelo desenho do jornal, dessa mulher gorda, eu fiz ela. Com raiva dela, fiz e dali, peguei a máquina de "xerox", tirei uma porção de "xerox", saí espalhando, botando um montão (hes) de besteira escrita e desabafei. ela achou engraçado na hora, porque descobriu (riso) Que foi eu. E ficamos amigo e eu descobri que eu sabia pintar. (est)

[Amostra Censo – Falante 42 – PEUL]

• Sujeito [–correferencial] e explícito

(5) **Os empregos <u>vindo</u>, a casa própria almejada por muitos vem como consequência, em alguns casos**. Espera-se que muito em breve os pedidos de um ano de mais emprego seja deixado para trás. Por enquanto, eles conseguiram superar até mesmo os tradicionais votos de paz e amor.

["Pedidos de Ano novo" – *O Povo* – 02/01/04]

Encontramos ainda três ocorrências nas quais o sujeito da oração circunstancial de gerúndio era argumento interno da oração matriz. Nestes casos, o estatuto de sujeito da oração subordinada era duvidoso, conforme mostram os exemplos abaixo.

(6) Eu estou com um filho com vinte e três ano, ("a moça viu") emprego, porque eu não consigo emprego para ele. **Porque eu não vou botar meu filho <u>trabalhando</u> numa enxada**. Ele terminou o científico. Faculdade, eu não posso pagar para ele. Não tenho condições, porque não "está")- não dá. O que eu ganho não é suficiente para pagar a

faculdade. Então, quase <to...>- é o caso é o <seguinte>: eu (inint) o científico ("e") os filho.

[Amostra Censo – Falante 32 – PEUL]

(7) **A empresa deve manter o empregado <u>trabalhando</u>, até que se abra um processo e este seja julgado**. Hoje acontece o contrário: o trabalhador é punido antes, para depois se verificar se ele tem ou não razão. A experiência tem mostrado que em 99% dos casos de demissão por justa causa por participação em greve, o trabalhador acaba ganhando na Justiça, mas depois de 10, 15 anos. Com a tutela antecipada, a própria empresa buscará o diálogo e a resolução do problema, pois caso contrário terá de arcar com todas as conseqüências de unia demissão por justa causa.

["Passo à frente" – *O Globo* – 03/01/05]

Ao cruzarmos os resultados obtidos para explicitude e correferencialidade do sujeito para a posição da oração gerundial em relação à sua matriz, obtivemos as seguintes tabelas.

Tabela 6: Cruzamento entre os resultados para correferencialidade dos sujeitos e posição da oração de gerúndio

	Posposta	Anteposta	Intercalada	Total
Sujeito [+correferencial]	111 – 77%	22 – 15%	11 – 7%	144
Sujeito [–correferencial]	–	1	–	1

Tabela 7: Cruzamento entre os resultados para explicitude do sujeito e posição da oração de gerúndio

	Posposta	Anteposta	Intercalada	Total
Sujeito explícito	–	8 – 100%	–	8
Sujeito não-explícito	114 – 81%	15 – 10%	11 – 7%	140

As tabelas revelam que os casos marcados (sujeito [–correferencial] e sujeito explícito) foram encontrados apenas quando a oração de gerúndio se antepunha à oração principal, que, por seu turno, constitui a posição marcada para as orações gerundiais. Apesar das ocorrências de sujeito explícito serem majoritariamente correferencias com o sujeito da

oração principal, a tabela 7 comprova a hipótese de que orações antepostas tenderiam a explicitar o sujeito.

Outro fator levado em consideração na análise dos sujeitos foi a animacidade. Tanto os sujeitos da oração gerundial quanto os da oração matriz são em sua grande maioria [+animados], conforme mostram os gráficos 6 e 7.

Gráfico 6: Animacidade do sujeito na oração matriz

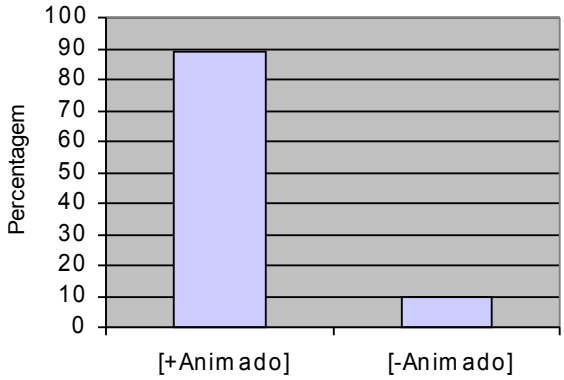
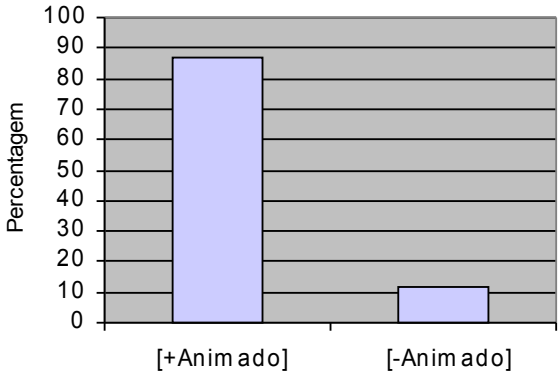


Gráfico 7: Animacidade do sujeito na oração de gerúndio



Os resultados para animacidade estão em consonância com os resultados encontrados para tipo semântico do verbo. Como o tipo material foi o mais recorrente, era de se esperar que os sujeitos apresentassem o traço [+animado], visto que este tipo de verbo apresenta sujeito [+animado] na maioria dos casos.

Feita a análise do sujeito das orações de gerúndio e suas respectivas orações matriz, passamos a investigação do tipo textual.

3.3.6. Tipo textual na qual a oração de gerúndio se encontra

De acordo com Bakhtin (1979 *apud* VILELA & KOCH 2001), utilizamos a língua em todas as esferas da atividade humana, e esse uso varia conforme a diversidade das esferas humanas. Cada enunciado reflete as condições e especificidades de cada esfera social, tanto

em seu conteúdo temático, quanto em seu estilo verbal e estrutura composicional. Neste sentido, dependendo do contexto sócio-histórico em que determinado enunciado se encontre, o gênero textual variará. Além disso, cada gênero é composto de tipos de texto, caracterizados por determinadas propriedades linguísticas intrínsecas.

Para a análise das orações circunstanciais de gerúndio, levamos em consideração o tipo de texto no qual a oração se encontra, com pretensões de futuramente estender o estudo para os gêneros textuais.

A respeito do tipo textual, baseamo-nos nas propostas de Marcuschi (2002) e Vilela & Koch (2001), considerando que os tipos textuais são identificados e caracterizados por suas propriedades intrínsecas. Apresentamos a seguir os critérios para a definição de tipo textual defendida pelos referidos autores.

Iniciamos por Marcuschi (2002), para quem os tipos textuais designam "uma espécie de construção teórica definida pela *natureza linguística* de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas}" (*ibidem*, p. 22). Os elementos linguísticos são, então, essenciais para a identificação de um tipo textual. Ainda, os tipos de texto referem-se a "sequências linguísticas" ou sequências de enunciados, não a textos empíricos, e além de serem em número restrito, possuem uma natureza abstrata, geral, já que são designações teóricas, não se referindo a um texto em si.

Marcuschi sustenta que há cinco tipos textuais: *narração*, *argumentação*, *exposição*, *descrição* e *injunção* e relaciona os critérios que permitem a identificação de cada um, tendo por base a análise de Werlich (1973 *apud* MARCUSCHI 2002).

Para o tipo *descrição*, há normalmente um verbo estático no presente ou imperfeito, e um complemento ou uma indicação circunstancial de lugar. Além disso, o sujeito é

normalmente inexistente e o verbo ocorre na terceira pessoa: "Sobre a mesa havia milhares de vidros." [15]

Com relação ao tipo textual *narração*, este apresenta um verbo de mudança no passado e um circunstancial de tempo e lugar. É um enunciado indicativo de ação: "Os passageiros aterrissaram em Nova York no meio da noite."

Quanto à *exposição*, este é um enunciado de identificação de fenômenos, com o tempo verbal no presente: "Uma parte do cérebro é o córtex." e "O cérebro tem 10 milhões de neurônios."[16]

O tipo textual *argumentação* categoriza um enunciado de atribuição de qualidade, com forma verbal no presente com o verbo *ser* e um complemento (no caso, um adjetivo): "A obsessão com a durabilidade nas Artes não é permanente."

Finalmente, o tipo *injunção* vem representado por um verbo no imperativo, incitando à ação: "pare" e "seja razoável". Enunciados deste tipo podem sofrer modificações, assumindo uma forma mais longa, com a substituição do imperativo por modalizadores como "deve": "Todos os brasileiros na idade de 18 anos do sexo masculino devem comparecer ao exército para alistarem-se."

Com referência a Vilela & Koch (2001), os autores igualmente defendem que os tipos de texto são caracterizados por determinadas propriedades linguísticas, sendo o tipo de macro-estrutura, os traços gramaticais e os fatores comunicativos os critérios fundamentais para iniciar a classificação de cada um deles (*ibidem*, p.541).

Entretanto, eles sustentam que há quatro tipos de texto, diferentemente de Marcuschi que defende a existência de cinco. São eles: *argumentativo*, *descritivo*, *explicativo* e

---

[15] Os exemplos apresentados para cada tipo textual foram retirados de Marcuschi (2002), que, por sua vez, utilizou os exemplos de Werlich (1973).

[16] Marcuschi faz uma distinção entre dois tipos de exposição. O primeiro é um exemplo de "exposição sintética pelo processo da composição. [...] Trata-se de um enunciado de identificação de fenômenos." O segundo exemplo é "uma base textual denominada de exposição analítica pelo processo da decomposição. [...] Trata-se de um enunciado de ligação de fenômenos." (MARCUSCHI 2002:28)

narrativo. Eles, então excluem os tipos *expositivo* e *injuntivo*, e acrescentam o tipo *explicativo*.

Vilela & Koch também apresentam as características de cada tipo de texto. Primeiramente, para o *argumentativo*, os autores afirmam que a forma clássica de argumentar é o *silogismo*, "composto de premissas, explícitas ou não, e de uma conclusão" (VILELA & KOCH:545). Parte-se de algo tido como sendo de conhecimento geral e como condição suficiente para desencadear algo imposto por força do enquadramento criado. Na proposição, há a presença do verbo *ser* ou equivalente, e posteriormente, a presença de verbos que desencadeiam a relação causa e efeito. O tempo presente é o mais utilizado neste tipo textual.

Em relação ao *explicativo*, o enunciado inicia-se por uma exposição de alguma informação complexa ou obscura, para dar início à explicação, culminando com a compreensão. Tal tipo é comumente encontrado em textos didáticos. As propriedades gramaticais que o caracterizam são: (i) o tempo verbal mais frequente é o presente do indicativo; (ii) uso de adjetivos descritivos ou qualificativos e advérbios para precisar, identificar ou situar a explicação; e (iii) os conectores conjuncionais e as expressões equivalentes relacionam, restringem e condicionam as operações de explicação. Há o recurso de se utilizar de comparações, analogias e a estruturas modalizadoras. A progressão temática é a conhecida como progressão linear.

O tipo textual *descrição*, como o nome indica, busca descrever, ou seja, "apresentar as propriedades, as qualidades, as características de objetos, de ambientes, de ações ou estados" (*ibidem*, p. 549). Há um tema sobre o qual se apresenta uma enumeração das partes e das propriedades, buscando-se estabelecer uma relação com o lugar e o tempo em que se localiza o tema. As descrições são normalmente estáticas, apresentando verbos de estado nos tempos presente do indicativo ou nos tempos do imperfeito. Apresenta também adjetivos e advérbios. Há, contudo, descrições dinâmicas, nas quais descrevem-se as ações dos personagens.

Descrições deste tipo podem ser confundidas com o tipo textual *narrativo*, pois há uma descrição de eventos, de ações realizadas. Ao analisar o tipo textual *narrativo*, entretanto, percebemos que há um elemento essencial neste tipo que não se encontra na descrição: a complicação.

A estrutura de uma *narração* contém um ator principal que se mantém na narrativa e se modifica durante a ação. Os acontecimentos vão se sucedendo até chegar à complicação ou problematização da ação. No fim, pode haver a moral ou coda e uma avaliação do percurso seguido pela ação. Os verbos vêm normalmente nos tempos passado, em especial no pretérito perfeito, com a possibilidade do presente do indicativo ser utilizado também.

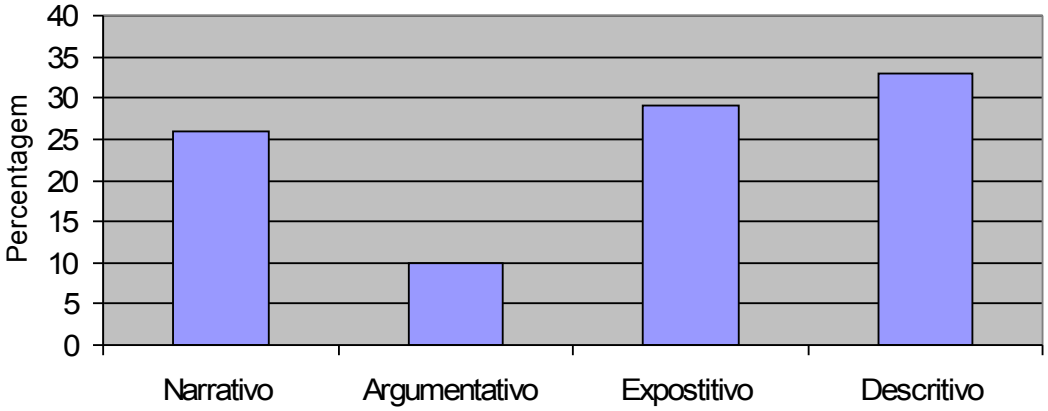
Para esta dissertação, consideramos quatro tipos textuais para a análise das orações circunstanciais de gerúndio: *argumentação*, *descrição*, *exposição* e *narração*. O quadro abaixo resume algumas das principais características destes tipos, segundo os critérios de Marcuschi (2002) e Vilela & Koch (2001).

Quadro 6: Algumas características dos tipos textuais utilizados na análise

ARGUMENTAÇÃO	DESCRIÇÃO	EXPOSIÇÃO	NARRAÇÃO
Verbo *ser* ou equivalente	Verbos de estado	Verbos de estado	Verbos de ação
Tempo presente	Presente do indicativo ou tempos do imperfeito	Tempo presente	Tempo passado, em especial, pretérito perfeito
Composto de premissas e uma conclusão	Composto de um tema localizado no tempo e espaço	Identificação de fenômenos	Orientação – Ação – Complicação – Moral – Avaliação
Complemento adjetivo	Adjetivos e advérbios	Complemento adjetivo ou nome	Circunstancial de tempo e lugar

Com relação às orações circunstanciais de gerúndio, os resultados para o tipo textual podem ser verificados no gráfico 8 abaixo.

Gráfico 8: Percentagem de orações de gerúndio em relação ao tipo textual



A análise do gráfico revela que as orações de gerúndio foram menos produtivas no tipo textual argumentação (15/148 – 10%). Tendo em vista que tal tipo de texto busca convencer ou persuadir o leitor através de evidências, razões e justificativas, é de se esperar que a forma verbal no gerúndio apresente baixa ocorrência. Os resultados para narração (39/148 – 26%) e exposição (44/148 – 29%) foram semelhantes, enquanto que o tipo descrição apresentou ligeiramente mais ocorrências de orações gerundiais (50/148 – 33%).

Uma possível explicação para as orações de gerúndio apresentarem um pouco mais ocorrências em textos descritivos está relacionada ao fato das orações em análise funcionarem como um desenho, uma ilustração, sendo, portanto, mais produtivas neste tipo de texto. Abaixo podemos conferir um exemplo.

(1) F- É, ela é metida a novinha, sabe? **Metida a moça, só anda <u>rebolando</u>**. Aquilo me dá um nervoso. Minha mãe não era assim. Minha mãe já tinha quarenta e pouco minha mãe tinha quarenta e oito. Minha mãe não era, assim, metida a nova. **Mas a mulher rebola, anda <u>rebolando</u> ("igual") garota**. Me dá um nervoso, eu não gosto dela mais, não. Agora eu então (ruído) tomei uma raiva dela que eu nem sei! Não (inint) nem (inint.) não posso nem ver ela. Tem um tempão que eu não vejo ela.

[Amostra Censo – Falante 06 – PEUL]

O exemplo (1) mostra uma descrição da falante da maneira como outra pessoa anda. A oração no gerúndio *rebolando igual garota* refere-se ao modo como ela anda, reforçando o "quadro" que a falante deseja transmitir ao interlocutor.

Em textos *expositivos*, as orações gerundiais podem ser explicadas da mesma forma como ocorre em textos descritivos, isto é, elas funcionam como um desenho. Como no tipo textual *expositivo* busca-se expor uma determinada informação, as orações gerundiais auxiliam na elaboração/implementação da "ilustração" que se quer fazer na exposição. O exemplo abaixo mostra a oração *inclusive guardando as chaves do carro* atuando como um reforço da ação mencionada.

(2) Em certas ruas como a Xavier da Silveira, em Copacabana, flanelinhas ilegais dominam a região durante o dia e os operadores de colete não fazem nada para coibir - conta Horácio Magalhães, presidente da Sociedade Amigos de Copacabana. **Outra infração comum na mesma rua é o guardador credenciado fazer serviço de manobrista, inclusive <u>guardando</u> as chaves do carro, o que não seria permitido**.[17]

["Território livre para bandalhas" – *Jornal do Brasil* – 22/11/05]

Com relação ao tipo textual *narração*, que apresentou resultados semelhantes à exposição, a oração de gerúndio parece ser utilizada nos momentos em que se busca descrever determinados acontecimentos dentro da narrativa. Como tratado anteriormente, a narração é composta de momentos descritivos (orientação) a fim de localizar o interlocutor/leitor na ação, como mostra o exemplo (3).

(3) Empurrei ele a primeira vez. Ele: "ó, rapaz, eu vou entrar; se você entrar numa comigo, eu vou te- dar parte de você, acabo com a sua carreira." Eu falei: "é? Então, está legal, o senhor entra." Quando ele entrou, eu não esperei duas vezes. Meti o sabre nas nádegas dele, ele caiu no chão <u>agonizando</u>: (imitando) "ai, eu vou morrer." (f) Eu falei: "morre."

[Amostra Censo – Falante 15 – PEUL]

[17] Observe que neste exemplo a oração de gerúndio vincula-se a uma oração complexa.

Já a *argumentação* apresentou poucos casos de oração gerundial provavelmente por se tratar de um tipo textual que busca convencer, persuadir o interlocutor/leitor, composto majoritariamente de premissas. Assim, as cláusulas de gerúndio são menos frequentes.

(4) A situação preocupante da economia oferece hoje às mulheres a oportunidade de retomar bandeiras erguidas com sucesso em outros tempos contra a inflação e em defesa do controle de preços. Ainda mais: devemos nos posicionar de forma determinada contra a corrupção e em defesa da aplicação correta dos recursos públicos, valorizando o bom desempenho de prefeitas de diversos partidos.

[“Perdas e ganhos” – *Jornal do Brasil* – 08/03/04]

Cruzando os resultados para tipo textual e modalidade, chegamos a seguinte tabela.

Tabela 8: Cruzamento entre os resultados para tipo textual e modalidade

	Fala	Escrita	Total
Argumentação	6 – 40%	**9 – 60%**	15
Descrição	**26 – 52%**	24 – 48%	50
Exposição	**28 – 63%**	16 – 36%	44
Narração	18 – 46%	**21 – 53%**	39

O exame da tabela revela que para os tipos textuais *descrição* e *exposição*, as orações de gerúndio foram mais frequentes na fala, enquanto que para os tipos textuais *argumentação* e *narração*, houve uma pequena tendência de uso na modalidade escrita.

4. CONCLUSÃO

Investigamos neste trabalho o comportamento das orações circunstanciais de gerúndio no português do Brasil à luz de pressupostos da linguística funcionalista. De acordo com esta perspectiva, a língua é um instrumento de comunicação, devendo o estudo de um fenômeno em uma língua levar em consideração seu uso.

Para a quantificação das variáveis analíticas empregadas nesta dissertação, fizemos uso do programa computacional GOLDVARB que integra o pacote de programas Varbrul, embora nosso objeto de estudo não tenha sido concebido como fenômeno variável.

Nosso *corpus* é constituído de textos falados e escritos, agrupados de acordo com o tipo textual predominante em cada texto. Os tipos textuais utilizados foram: argumentação, descrição, exposição e narração. Para a noção de tipo textual, baseamo-nos em Marcuschi (2002) e Vilela & Koch (2001), para quem tipos textuais são caracterizados por suas propriedades intrínsecas.

No capítulo 2 desta dissertação, apresentamos o tratamento conferido às orações circunstanciais de gerúndio segundo abordagens da gramática tradicional e da linguística funcionalista e discutimos o seu estatuto sintático e as relações semânticas sinalizadas por elas a partir das premissas de Haspelmath (1995) e König (1995), respectivamente.

Para a gramática tradicional, as orações circunstanciais de gerúndio são classificadas como subordinadas adverbiais reduzidas, pois o verbo está na forma não-finita e não há a presença de um elemento conector. Consideramos as gramáticas de Bechara (1976), Rocha Lima (1972), Cunha & Cintra (2001), Kury (1970), Luft (1979), Said Ali (1964) e Mateus *et al* (2003). Não há concordância entre os gramáticos quanto ao elenco das relações semânticas que podem ser expressas pelas cláusulas gerundiais, porém todos concordam que as orações de gerúndio podem expressar as relações de *causa*, *concessão* e *condição*. Cunha & Cintra e

Mateus *et al* não incluem o *modo* como relação semântica expressa pelas orações de gerúndio e apenas Bechara inclui a noção de *concessão*.

Para as abordagens linguísticas, apresentamos as análises de Halliday (1994), Dik (1997), Lehmann (1988), Haiman (1988) e Braga (2002). Para o primeiro autor, orações subordinadas adverbiais de gerúndio constituem estratégias de hipotaxe, já que apresentam os traços [+dependência] e [–encaixamento], e são processos de realce por realçarem a oração a qual estão vinculadas. Segundo Dik, orações de gerúndio são construções encaixadas. Lehmann defende que orações de gerúndio constituem um processo de subordinação e devem ser analisadas segundo o parâmetro dessentencialização da oração subordinada, já que as orações em questão não apresentam certos elementos oracionais, tornando-se mais dessentecializada. Já Haiman inicialmente defende que orações de gerúndio constituem processo de coordenação, mas, ao admitir que elas possam receber uma leitura subordinada, conclui que a ambiguidade é uma característica inerente às cláusulas de gerúndio. Braga, ao examinar as orações de gerúndio de tempo-condição, conclui que as mesmas são ambíguas quanto à caracterização de seu estatuto sintático.

Haspelmath defende que as orações de gerúndio são subordinadas à oração matriz e apresenta cinco critérios de subordinação. A presença de alguns deles será suficiente para a sua caracterização como estratégia de subordinação. Os cinco critérios são: ordem das palavras interna a oração, posição variável da oração, "anáfora" pronominal, restrição e foco e possibilidade de extração.

König discute os meios para identificar a relação semântica expressa pelas cláusulas de gerúndio. O primeiro diz respeito à análise do conector que introduz a oração. Elementos conectores carregam significado em si, auxiliando na determinação semântica. Como orações gerundiais normalmente não apresentam um conector, pode-se transformá-las em uma desenvolvida que apresente conector. A semântica do verbo também auxilia na determinação

da noção semântica. Verbos de cognição e verbos relacionais normalmente apresentam uma interpretação causal ou concessiva, enquanto que verbos de percepção, uma interpretação temporal. O tempo, modo e aspecto verbais da oração principal devem igualmente ser levados em consideração, assim como fatores pragmáticos.

No capítulo 3, apresentamos e discutimos os resultados encontrados. A partir de entrevistas que integram o Corpus Censo do PEUL e de inquéritos que compõem a Elocução Formal do Projeto NURC-RJ, compondo a amostra de fala, e de textos retirados dos jornais *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Extra* e *O Povo*, constituindo a amostra escrita, identificamos 148 orações circunstanciais de gerúndio.

Primeiramente, verificamos a aplicação dos cinco critérios de subordinação propostos por Haspelmath e constatamos que as orações circunstanciais de gerúndio constituem processos de subordinação. Os cinco critérios puderam ser aplicados às orações, com apenas algumas exceções. Esses casos problemáticos, no entanto, foram de número reduzido e são explicáveis a partir de características sintáticas ou semânticas do contexto.

Em seguida, discutimos as relações semânticas expressas pelas orações de gerúndio. Em nossos dados, encontramos sete delas, sendo o *modo* a relação prototípica. A partir dos critérios de König, verificamos que a identificação das relações de *condição*, *causa*, *tempo* e *concessão* não apresentou problemas. O principal critério de identificação de relação semântica proposto por König (transformar a oração de gerúndio em outra introduzida por conector) foi satisfeito quanto às quatro noções semânticas mencionadas. A determinação das relações de *consequência* e *finalidade*, por outro lado, foi relativamente incontroversa. Verificamos que as orações de *finalidade* admitiam paráfrase por outra oração reduzida, no caso, de infinitivo. Entretanto, algumas destas orações não pereciam configurar casos de subordinadas circunstanciais, aproximando-se de uma leitura completiva. Com referência à relação de *consequência*, verificamos que esta aceitava uma contrapartida coordenada. Uma

outra descoberta concerne à relação de *modo*, cuja paráfrase por uma desenvolvida foi problemática, o que confirma o pressuposto de que orações modais são prototipicamente codificadas pela forma verbal no gerúndio.

Posteriormente, apresentamos os resultados para a análise quantitativa das orações de gerúndio. Iniciando pela modalidade, verificamos que nosso objeto de estudo é recorrente tanto na modalidade falada quanto na escrita, indicando que estas orações são bastante produtivas no português do Brasil. Para a modalidade falada, foram mais recorrentes nas entrevistas do PEUL do que no NURC-RJ, e com relação à modalidade escrita, nos textos coletadas dos jornais *O Globo* e *Extra*. Vale ressaltar que a amostra foi irregular quanto ao número de palavras.

Com referência à posição da oração de gerúndio em relação à principal, averiguamos que a posição não-marcada é a posposição. A anteposição e a intercalação podem ser explicadas em virtude da relação semântica expressa pela oração gerundial, já que *condição* e *concessão* foram encontradas apenas nestas posições. Segundo Neves (2000), orações de *condição* tendem a se antepor à oração com a qual estão vinculadas. Já *concessão* é normalmente posposta, assim, nossos resultados mostraram-se diversos do esperado. Orações temporais, por estabelecerem relação com o mundo extra-liguístico, mostraram que a anteposição privilegia ações que antecedem uma ação expressa pela oração principal, enquanto que ações simultâneas privilegiaram a posposição. Além disso, constatamos que todas as posições são mais produtivas na fala, inclusive a intercalação. Neste caso, as orações de gerúndio intercaladas mais pareciam adendos, informações adicionadas posteriormente, devido o traço [+espontâneo] das amostras de fala utilizadas.

Os resultados para transitividade da oração matriz com a qual a oração de gerúndio está vinculada mostraram-se intrigantes. Orações de gerúndio vinculam-se, em sua maioria, a

orações transitivas com argumento interno realizado. Tal fato reforça o estatuto sintático oracional do segmento que contém o verbo no gerúndio.

O quarto grupo de fator examinado corresponde à semântica do verbo contido na oração de gerúndio e na oração matriz. O exame nos permitiu constatar que em ambas o tipo semântico mais frequente foi o *material*, explicado pelo fato das orações em questão prototipicamente expressarem modo. Os tipos *comportamental* e *relacional* foram menos frequentes, sendo que houve poucas ocorrências para *mental* e *verbal*. O tipo *existencial* não foi encontrado, enquanto que detectamos apenas um caso de *fenômeno da natureza*, tanto para a oração de gerúndio quanto para oração matriz.

Em se tratando do sujeito, observamos que o sujeito da oração de gerúndio tende a não ser explicitamente expresso e a ser correferencial com o sujeito da oração matriz. Os resultados refutaram a hipótese de que o sujeito da oração gerundial explícito seria [–correferencial]. Apenas uma ocorrência desse tipo foi encontrada. A explicação reside no fato de que todos os casos de sujeito explícito foram encontrados em orações gerundiais antepostas à oração matriz. Ainda em relação ao sujeito, levamos em consideração a animacidade do sujeito da oração de gerúndio e da oração matriz e constatamos que a tendência para as duas orações é apresentar sujeito [+animado].

O último grupo de fator considerado foi o tipo textual na qual a oração de gerúndio se encontra. Os resultados indicaram que o tipo textual descrição foi o que apresentou maior número de casos de circunstanciais de gerúndio, fato relacionado à função destas orações em ilustrar algo, formando uma espécie de moldura. Essa explicação pode ser estendida aos tipos textuais exposição e narração. O tipo argumentação apresentou poucas ocorrências de orações gerundiais devido sua característica de convencer ou persuadir o interlocutor/leitor.

Sendo assim, a investigação das orações circunstanciais de gerúndio realizada nesta dissertação proporcionou a descoberta de características interessantes. Sabemos, contudo, que

o número de dados analisados poderia ser maior, porém, nossas conclusões podem servir de ponto de partida para outros estudos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

BRAGA, Maria Luiza. *A Concordância de Número no Sintagma Nominal no Triângulo Mineiro*. Rio de Janeiro, 1977. Mestrado em Língua Portuguesa. – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1977.

BRAGA, Maria Luiza. "As Sentenças Clivadas no Português Falado no Rio de Janeiro" Organon, Brasil, v. 5, n. 5, pp. 109-25, 1991.

BRAGA, Maria Luiza. "A informação, seu fluxo e construções clivadas". In: HEYE, Jürgen (org). Flores verbais: uma homenagem linguística e literária para Eneida do Rego Monteiro Bonfim no seu 70º aniversario. Rio de Janeiro: Ed. 34, pp. 283-92, 1995a.

BRAGA, Maria Luiza. "As Orações de Tempo no Discurso Oral". Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas – São Paulo, v. 28, pp. 85-97, 1995b.

BRAGA, Maria Luiza. "Processos de redução: o caso das orações de gerúndio". In: KOCH, Ingedore Villaça G. (org.) *Gramática do Português Falado. Vol. VI Desenvolvimentos*. Campinas, Editora da Unicamp, pp. 231-52, 1996.

BRAGA, Maria Luiza & CORIOLANO, Jaqueline S. "Construções de gerúndio no português do Brasil". *Alfa*, São Paulo, v.51, n.1, pp.175-187, 2007.

BOTELHO, José Mario. "A natureza das modalidades oral e escrita". In: IX Congresso Nacional de Lingüística e Filologia, 2005, Rio de Janeiro. Cadernos do CNLF, n. 03, Tomo 2: Filologia, Lingüística e Ensino. Rio de Janeiro: CiFEFIL, v. IX, pp. 30-42, 2005.

BUTLER, Christopher. "Functionalist approaches to language". In: BUTLER, Christopher. *Structure and Function: A Guide to Three Major Structural Functional Theories. Part 1: Approaches to the simplex clause*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA, Maria Angélica F.; COSTA, Marcos A.; CEZARIO, Maria Maura. "Pressupostos teóricos fundamentais". In: CUNHA, Maria Angélica F.; OLIVEIRA, Mariângela R. de; MARTELOTTA, Mário E. (orgs.) Linguística funcional: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: A functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 1990.

HAIMAN, John. "Iconicity vs. Economy: the case of clause incorporation" In: HAIMAN, John and THOMPSON, Sandra A. (eds.) *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988.

HALLIDAY, M.A.K. "Clause as representation". In: *An introduction to functional grammar*. 2ª ed. London, Edward Arnold, 1994.

HASPELMATH, Martin. "The converb as a cross-linguistically valid category". In: HASPELMATH, Martin & KÖNIG, Ekkehard (eds.) *Converbs in cross-linguistic perspective: structure and meaning of adverbial verb forms – adverbial participles, gerunds*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1995.

HEINE, Bernd. *Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization*. New York/ Oxford: Oxford University Press, 1991.

DIK, Simon. *The theory of functional grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

HOPPER, Paul J; THOMPSON, Sandra A. *Transitivity in grammar and discourse*. Language 56, 1980.

KÖNIG, Ekkehard. "The meaning of converb constructions". In: HASPELMATH, Martin & KÖNIG, Ekkehard (eds.) *Converbs in cross-linguistic perspective: structure and meaning of adverbial verb forms – adverbial participles, gerunds*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1995.

KURY, Adriano da Gama. *Lições Análise Sintática: Teoria e Prática*. 5 ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1970.

LEHMANN, Christian. "Towards a typology of clause linkage". In Haiman, John & Thompson, Sandra (eds.) *Clause Combining in grammar and discourse*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Ed., pp.183-226, 1988.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna Gramática Portuguesa*. 3 ed. Porto Alegre: Globo, 1979.

MARCUSCHI, L.A. "Gêneros textuais: definição e funcionalidade". In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARTELOTTA, M. E. *Unidirecionalidade na gramaticalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

MATEUS, Maria Helena Mira *et al*. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra, Almedina: 2003.

NARO, Anthony J; SCHERRE, Maria Marta P. "Estabilidade e mudança linguística em tempo real: a concordância de número". In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (orgs.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, pp. 47-62, 2003.

NICHOLS, Johana. "Functional theories of grammar". In: *Annual Review of Anthropology* 43, pp. 07-117, 1984.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PAIVA, M. C. *Ordenação das cláusulas causais*: *forma e função*. Tese de Doutorado em Linguística – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

PAIVA, M.C. & SCHERRE, Maria Marta Pereira. "Retrospectiva sociolingüística: contribuições do PEUL". DELTA – Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, SÃO PAULO, v. 15, n. ESPECIAL, pp. 201-32, 1999.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1972.

SAID ALI, M. *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

SILVA, Anderson Godinho. *Orações modais: uma proposta de análise*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SIMÕES, José da Silva. *Sintaticização, discursivização e semanticização das orações de gerúndio no português brasileiro*. Tese de Doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

VILELA, Mário & KOCH, Ingedore Vilaça. "Gêneros e sequências textuais" In: VILELA, Mário & KOCH, Ingedore Vilaça. *Gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Almedina, 2001.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo